

AUTORES LIVROS

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"
publicado semanalmente, sob a orientação de
Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras).

Num. 8

FRANCISCO DE CASTRO

MEU PA

Autores e Livros consagra parte de suas páginas do número de hoje a Francisco de Castro, cuja data de morte transcorre a 11 do corrente. É uma homenagem que prestamos a alguém que foi um real valor da ciência brasileira; a alguém que, ao lado disso, foi uma autêntica vocação literária, um escritor de linguagem cuidada como quem mais a possui, um digno companheiro de Machado de Assis e de Rui Barbosa, seus amigos diletos, prefaciadores entusiastas de seus livros.

de assuntos médicos. Sua bibliografia, se não é muito extensa, é sempre de primeira ordem. "Da correlação das Funções", "O invento Abel Parente do ponto da Medicina Legal e da Moral Pública", "Tratado de Clínica Propedéutica" — eis os livros técnicos de sua morte apareceu a coleção dos seus admiraveis "Discursos", para a qual Rui Barbosa escreveu um belíssimo prefácio.

* * *

Francisco de Castro foi membro da Academia Bra-

* * *

Francisco de Castro nasceu na Baia, em 17 de setembro de 1857. Desde muito criança mostrou possuir um temperamento grave e sisudo, uma inclinação decidida para os estudos científicos. Fez-se médico, grangeando, desde os bancos acadêmicos, invejável fama de talentoso e estudioso.

Eleita de Letras, tendo sido eleito na vaga do Visconde de Taunay, para a cadeira n.º 13. Morreu sem ter tomado posse e foi substituído por Martins Júnior. Também Martins Júnior faleceu antes de ser empossado. Depois da morte de Martins, sentou-se na cadeira n.º 13 Souza Bandeira, que pouco tempo teve de acadêmico. Nela senta-

Veio para o Rio, e aqui, a sua fama cedo se consolidou, como homem de letras e como homem de ciência. Poeta, ainda inspirado em temas e modelos do Romantismo, publicou encantadores versos. Reuniu-os num volume, ao qual deu o título de "Harmonias Errantes" e que foi publicado com prefácio de Machado de Assis. Já era o escritor caótico e puro, que havia de impor-se à sua geração como um modelo. se hoje o sr. Hélio Lobo, que, eleito ao beirar os trinta anos, assumiu a grave responsabilidade de desmoralizar o azar do "fauteuil" fatídico...

... Mas essa atividade literária era um pouco lateral, no espírito de Francisco de Castro. Porque o que ele era, precisoamente, é que

ele era, em sua própria essência, era o homem de ciência, era, sobretudo, o **Não basta a inspiração ao escritor**

médico. Muito moço, foi lente da cadeira de Clínica Propedéutica da nossa Faculdade de Medicina. Em 1901 foi diretor da mesma. Pertenceu, também, ao Instituto Sanitário Federal. Entremeada com sua atividade de mestre, ia exercendo também a sua ativi-

FRANCISCO DE CASTRO



FRANCISCO DE CASTRO

SUMÁRIO

BAGGWA, 19A

- Francisco de Castro
 — Meu pai, de Aluysio de Castro
 — Sumário

PAGINA 130:

— Cultura Biográfica, de Xavier Marques (da Academia Brasileira)

— A vida e a obra de Fagundes Varela, de Paulino Neto (da Academia Fluminense de Letras)

— "A Pátria de Jesus."

PAGINA 129

- Algumas poesias de Francisco de Castro — A Castro Alves — A Orfêk — Lembrando-me de ti PÁGINA 138:

— As Harmonias Errântias, carta de Machado de Assis a Francisco de Castro.

— A Religião, de Francisco de Castro

— A vida e a obra de Fagundes Varella (continuação da página 137)

— O Menino Valente no hospital de sangue, de Ribeiro Couto (da Academia Brasileira)

— As ciências experimentais e as ciências morais, de Francisco de Castro

PÁGINA 139:

24000

- Francisco de Castro, presidente: PÁGINA 180:
— Discursos em resposta aos discípulos
 - O espírito de Francisco de Castro, de Clementina Fraga (de Academia Brasileira).
 - O julgamento dos homens, de Francisco de Castro.
 - Galeria de nomes ilustres
 - Sem que nem porque, de Augusto Meyer
 - Olhanas ou alheis das crianças, de Jorge de Lima
 - Minerva nobis, de Alphonse de

PAGINA 125

- Francisco de Castro, de Rui Bar. PAGINA 180
bom.

PAGINA 188:

 - Minot, canto de Graciela Ramoeg
 - Regaleira viva, de Antenor Nam-
 - centes.

— Cuccagna

- de Anísio
— A colaboração do Fliegblätter — — Berlina Reis.
Achado n.º 5

— Meu pai, de Alloysio de Castro (continuação da página 188)

— O Estado, estimulador das indústria-
dades, de Francisco de Castro. PAGINA 148:

PAGINA 134

- Espírito Mecânico e vulgaridade,
 de Francisco de Castro vio a Mário Leão
 — Notícias Mecânicas
 — A vida é de cabeça baixa, de Al-
 varo Moreira O pai do brasileirismo, de Pedro
 Calmon (da Academia Brasileira)
Magenda viva, de Antenor Nac-
 ento (continuação da página 149)

— 1 —

- Considerações à margem de "Autores e Livros", de Mário Lobo.
 — Fenômeno e situação na interpretação de teatro, (II), de Souza da Silveira.

PÁGINA 132:

— Uma questão de milhão, por...
 — Elegições da Academia.

PÁGINA 144:

— Página dos Autores. Minha filha, arreivada, de Raul Pompeia;
 — Um milagre (J. Richepin) de Raimundo Corrêa;
 — Versos e Versões*, de Lucio de Mendonça

— Una qualsiasi
"Cartola" (C)

- Versos e Versões, de Lucio de Mendonça (continuação da página 143).

(Continua na página 128)

ALGUMAS POESIAS DE FRANCISCO DE CASTRO

A CASTRO ALVES

Era um gênio e morreu ainda criança,
Alagando talvez uma esperança,
— Utopia de um sonho matinal;
Ahua lançada aos turbilhões dos ventos,
Fitara, à luz dos grandes pensamentos,
O polo do ideal.

Era um gênio; nasceu predestinado.
Curvava a fronte — sonhador ousoado —
A sombra do latidico laurel;
Qual de coluna colossal, marmórea,
Ao peso intenso dos florões de glória,
Se curva o capitel.

De desalento num hora inquieta,
Arrancara a coroa do poeta,
E lá as folhas lançar ao pô do chão...
Mas o assombro deleve-o como morto...
Depois sorriu-se, pensativo, absorto:
— Tinha estrelas na mão!

Nossas florestas lhe atiraram flores!
Recebeu a visita dos condores.
No anfiteatro dos rochedos nus...
Respirando do céu as primaveras,
Sentiu náusea, ao contacto das esferas,
A infiltração da luz.

Nas mãos de Deus su'alma estava pressa,
Engastada no anel da natureza.
— Grilhão de ouro que acorrenta o sol...
No entanto, dessa vida cometary,
Coava-se a molécula precária
Do túmulo no crisol.

Poeta, muito amor ele sondava,
Quando do peito a estrofe borbotava
Rutilante do brilho das manhãs...
Cingiu a fronte de lauréis eternos,
Filho da raça dos Tirtens modernos
— Família de Titãs!

A ORFÃ LEMBRANDO-ME DE TI

*Orfazinha que perdeste
De tua mãe os carinhos,
Como a flor que nasce e cresce
Desgarrada nos caminhos,*

*Na primavera da vida,
Sem o orvalho materno,
A tua alma concertou-se
Em uma noite de inverno.*

*Mas se a noite é o poema
Das estrelas & das sombras,
Tu és a noite opaca
Que o céu do destino ensombra.*

*Em teu céu, pobre criança,
Nem mesmo uma estrela brilha;
Não tens no peito um afeto;
Não sabes o que é ser filha.*

*Ten coração é estéril,
— Flor que o aroma perdeu,
E que pede ao céu orvalho
Que a tempestade varre.*

*Entre os espinhos da vida,
Sem ter mãe, sem ter amor,
Quem prediz o teu futuro,
— Panel sombrio da dor?...*

*Quando levantas os olhos
Para o céu e o vés tão lindo,
Oh! Quanto estrelado sente
Não vés tu passar sorrindo?*

*Mas o céu, pra quem recebe
Da desventura o batismo,
Não tem luz nos seus mistérios
E mais negro que um abismo!*

*As estrelas semelham-te,
Na mudez de sua luz,
Gotas de sangue que escorrem
Dos cravos de tua cruz!*

*Era no cair da noite; à hora em que a saudade
Apera o coração e, em longa ansiedade,
A mente — não perdida — em alto mar divaga,
Entre o gemer da brisa e o soluçar da vaga.*

*E eu estava só... Senti aos meus ouvidos
Um múltiplo tropel de téticos gemidos:
Oneiximes de quem ama, adenes de quem morre,
Enquanto após a flor a borboleta corre.*

*Dormia a solidão — a onda companheira —
Em cujo seio eu queria a estrofe derradeira
Do meu peito exalar, qual vitória harmonia
Em vaporosos aís... No calix da agonia,
Encontra-se também o bálsamo divino,
Em que sorve a esperança exausto peregrino.*

*E eu triste cismava, e via-te a meu lado
Qual anjo protetor que ampara o desgraçado,
Mas era uma ilusão, — fantasma tão risonho,
Que vive como a flor, e morre como o sonho!*

*A luz dos olhos teus prendi o meu futuro
— O místico painel de um ideal tão puro!
E vivo hoje a chorar bem como quem procura
Salvar e coração na paz da sepultura.
— A tua maternal que ao infeliz aquece.*

*O nome teu será a minha última prece...
Lembrando-me de ti, ai quão feliz morteta...
O císte canta e morre em plena primavera.*

*E a nota que concentra — áerea e dolorida —
Das notas o mistério e o brilho das auroras,
Desata elo por elo à cadeia da vida,
Como um roto calor de lágrimas sonoras,*

AS "HARMONIAS ERRANTES"

CARTA DE MACHADO DE ASSIS A FRANCISCO DE CASTRO

Rio, 4 de agosto de 1878.

Meu caro brother. — Pede-me
a mais fácil e a mais suave das
tarjetas literárias: apresentar um
poeta ao público. Custa pouco
dizer em algumas linhas em que
algumas páginas, de um modo
amplificado e benévolo, — por-
que a benevolência é necessária
aos talentos sinceros, como o seu, —
casta pouco dizer que impressões nas
desgarras os primitivos produ-
tos de uma vocação juvenil.
Não não é, ao mesmo tempo,
uma tarefa fácil! Um herói e
um herói vale o que efetiva-
mente é. O leitor quer julgar
o por si mesmo, e, se não ne-
nho escrito que o precede, — ou
a autoridade do nome, ou a
perfeição do estilo e a justiça
das idéias, — não se pode tor-
ná-lo tal ou qual seuju-
mento de cutedo. O estilo e as
idéias, das que lhe fui a ler uma
bona página, — um recado de
sobra; a autoridade do nome
exclui-la de orgulho, se a im-
pressão da crítica concorda com
a dele. Suficiente ter idéias pi-
sotadas; mas onde estão as outras
duas vantagens? Seu herói val-
er uma página舞uid. — Sei
que o senhor supõe o contrário,
índio de poeta e de moço, fi-
lha de uma afeição, antes ins-
tintiva que experimentada, e em
todo caso, recente e generosa,
seu coração de poeta lhe fazes,
através de algumas estrofes que
ai me ficaram no caminho, este
não o movimento se jard por si.

amor da poesia, esta sé舞ua em e a poesia brasileira não perde-
alguma coisa superior às nos-
sas labutações sem fruto, pri-
meiro sonho da mocidade e úl-
tima saudade da vida. Lemoso, — o autor das "Timbrazas", Cited trabalhos de primeira mão.
se não quebram e cultos que de um talento original e cedo nos seus versos uma espontâ-
não morrem, e veio ter comigo, extinto, afim de lembrar a re-
nidade de bom agouro, uma
da seu próprio movimento, cheio
daquela candidez confiança de
sacerdote novo, resoluto e pio.
Vivo bem e mal; bem para a que há de essencial e certo ne-
nhuma simpatia, mal para o seu
interesse; mas, seguido já dis-
se não quebram e cultos que de um talento original e cedo nos seus versos uma espontâ-
não morrem, e veio ter comigo, extinto, afim de lembrar a re-
nidade de bom agouro, uma
da seu próprio movimento, cheio
daquela candidez confiança de
sacerdote novo, resoluto e pio.
Vivo bem e mal; bem para a que há de essencial e certo ne-
nhuma simpatia, mal para o seu
interesse; mas, seguido já dis-
se não quebram e cultos que de um talento original e cedo nos seus versos uma espontâ-
não morrem, e veio ter comigo, extinto, afim de lembrar a re-
nidade de bom agouro, uma
da seu próprio movimento, cheio
daquela candidez confiança de
sacerdote novo, resoluto e pio.
Vivo bem e mal; bem para a que há de essencial e certo ne-
nhuma simpatia, mal para o seu
interesse; mas, seguido já dis-
se não quebram e cultos que de um talento original e cedo nos seus versos uma espontâ-
não morrem, e veio ter comigo, extinto, afim de lembrar a re-
nidade de bom agouro, uma
da seu próprio movimento, cheio
daquela candidez confiança de
sacerdote novo, resoluto e pio.
Vivo bem e mal; bem para a que há de essencial e certo ne-
nhuma simpatia, mal para o seu
interesse; mas, seguido já dis-
se não quebram e cultos que de um talento original e cedo nos seus versos uma espontâ-
não morrem, e veio ter comigo, extinto, afim de lembrar a re-
nidade de bom agouro, uma
da seu próprio movimento, cheio
daquela candidez confiança de
sacerdote novo, resoluto e pio.
Vivo bem e mal; bem para a que há de essencial e certo ne-
nhuma simpatia, mal para o seu
interesse; mas, seguido já dis-
se não quebram e cultos que de um talento original e cedo nos seus versos uma espontâ-
não morrem, e veio ter comigo, extinto, afim de lembrar a re-
nidade de bom agouro, uma
da seu próprio movimento, cheio
daquela candidez confiança de
sacerdote novo, resoluto e pio.
Vivo bem e mal; bem para a que há de essencial e certo ne-
nhuma simpatia, mal para o seu
interesse; mas, seguido já dis-
se não quebram e cultos que de um talento original e cedo nos seus versos uma espontâ-
não morrem, e veio ter comigo, extinto, afim de lembrar a re-
nidade de bom agouro, uma
da seu próprio movimento, cheio
daquela candidez confiança de
sacerdote novo, resoluto e pio.
Vivo bem e mal; bem para a que há de essencial e certo ne-
nhuma simpatia, mal para o seu
interesse; mas, seguido já dis-

é um merecimento. Poderia
bastar-se se não sentisse em
mentir a tradição que nos dei-
xaram o autor do "Uruguaio" e dar os seus inerentes an-
tigos necessários para enun-
ciar a força necessária para con-
quistar o triunfo. — Machado
de Assis.

A RELIGIÃO

Francisco de Castro

Para entender a sua sober-
nita até os contíngens da vontade,
último termo da evolução men-
tal, para subjugar os corações,
há de a religião exercitar as
sua forças sublimes no terreno
da igualdade e da tolerância,
há de respeitar a linguagem da
razão, ainda nos suas contradic-
ções, nos suas contradições nos
seus desvarios. O espírito reli-
gioso todo deve de ser desse
que se desenvolve na escola da
opinião oficial, no circo, nos
processos administrativos em nome
e sob a ruidosa da lei civil,
sem essa espontaneidade e in-
tuitividade de onde a sua
potestar retrograda e o curioso
diríja. Os Estados soberanos
caem os misterios, de travessas
as dinastias desabam as re-
públicas, devoram-as os potes,
extinguem-se as raças a maior
se seu desenrolce o processos
tradicionalismo, o ceticismo
filosófico retorce no peso de cada
lade universais, sobreposta ao
desredo dos séculos a videntes
sôns de idéias e visões, e remora
nos barões da banca, como
uma náusea de Poem, era
eternas glórias da vida humana.
Porque, não haveria de
associá-las as grandezas do
mundo, a esses danos que não
embora tendo tecido as estrelas, deixe de ver
ficar local com o chão, pertur-
ba que não ressuscita mais
do que o mais tarde num bocado
de po?

FRANCISCO DE CASTRO, PROSADOR

DISCURSO EM RESPOSTA AOS DISCÍPULOS

Uma das mais altas celebridades de cujo nome se uniu a história da medicina francesa, sentindo-se para pouca vida, quis pisar ainda uma vez a arena das suas glórias. Transportando ao Hotel-Dieu, puseram-no na enfermaria em que ele lesionava; e a insigne mestre, batalhador cansado porque batalhara até ao fim, erguendo a cabeça, onde a majestade da ciência sobreduzia a neve sexagenaria e cinturavagando um saudoso olhar envolvidaco e frônico, apenas pode proferir ou, antes, arquejar estas palavras: "Je ne sens bien, qu'est-ce!".

Os quadros são diferentes: a ideia que os domina, o caráter que os reveste, os episódios que neles se encravam, a moralidade que deles se desprendem, tudo elhes ergue a diversidade de aspecto; nunca, porém, mais de jeito do que neste momento, para mim inolvável, poderia eu repetir a frase sínica do velho Béhier:

Para rebater e atilar a agressão dos rancores coligados, qual a qual mais perverso e mais impotente, nunca me senti tão bem, nem tão forte, como en volto nestes relâmpagos de demaventurança, que acompanharam como uma aureola o espírito da mocidade acadêmica. E este espírito que aqui se levantou; é nele que eu encaro aparentemente trêmulo, mas profundamente firme, é ele que avulta na magnanimidade do vosso protesto, neste mesmo lugar, onde uma voz irresponsável absolvida talvez, hoje pelo voto criminoso da Congregação, ultrajou na minha pessoa a autoridade moral do magistério.

No dia 10 de outubro, a cadeira professoral cobrindo-se de pesado luto, quando a regaleira de uma paixão inflamou a serenidade augusta deste reinto como uma cena de escândalo, e de luto ficaria ela se não viesse empousá-la de novo nos insignias do seu eterno apostolado, arrancando esses trapos negros, espumindo na esfera constelada da instrução superior, essas dedadas de carvão que nodoavam a limpides azul do horizonte. Hora vos seja, senhores estudantes, porque pelas vassas mãos purificastes o templo do ensino, e assim reivindicastes os foros tradicionais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, polida no seu crédito e ferida no seu brio.

O fato a que estou aludindo, e que acabais de verberar, considerando por uma face, cons-

titui um delito de ação pública, ocasionado a processo crime. Mas acreditais justa provocar eu uma ação de tal ordem num caso em cuja origem sou o primeiro a reconhecer um impeto morbido, impulsão irresistível que zombava dos poderes inhibidores, nem sempre vigilantes ou suficientes na economia cerebral?

Demais disso, não sabemos que nos códicos escritos, como na lei natural, não há disposições bastante draconianas para cominar aos delitos desta natureza outras penas que as da terapêutica e as da higiene?

Por outro lado, a perturbação da minha aula, com flagrante violação das cláusulas que prescrevem a boa ordem no edifício da Faculdade ou suas dependências, compeliram-me, embora a contra-gosto, a comunicar todo o ocorrido ao senhor diretor, que é quem deve superintender em matéria administrativa. Foi o que fiz. Não me queixei de ninguém: dencrevi a necessária, sem lhe aduzir comentários. Neste passo, foi convocada a congregação dos senhores, lentes para dizer em assunto que parecia de grande melindre. Supunha eu que o caso sujeito à judicatura dos ilustres congregados estava claramente indecidido em artigo do código do ensino superior, que dispõe acerca dos deveres dos lentes, deveres que encontram a sua especificação no art. 70 dos estatutos das Faculdades de Medicina autorizados por decreto de 25 de outubro de 1884. "Os lentes serão os primeiros a dar o exemplo de pontualidade, prudência e cortesia", diz o texto. Mas será este claro, expresso, taxativo ou carreiro de ampliações ou restrições que o direito positivo rejeita do domínio penal? Não vos poderei dizer. Entretanto, não me parece curial considerar que o professor só incorre em faltas, como membro do corpo docente, quando estiver investido na prerrogativa de mostrar aos seus sucessores, como uma lição seu fruto, as tão arrependidas.

Fusse um desprotegido estudante, que, em hora infeliz, viesse interromper com lèrnia uma aula oficial em qualquer destas enfermarias. Sem detença, havia de realizar-se, sob as ordens congruentes das duas diretorias, a expulsão do reprobado. A diretoria de si ai estava para impedir de transpor os umbrais da Faculdade por esforço de um, dois ou três anos, até que, no termo desse prazo, ele se houvesse regenerado nas agruras

Infielmente, senhores, o caso não é para rir. E' preciso medir o alcance moral das coisas, que está entrando pelos olhos de quantos não tiverem descolada a retina do senso crítico. A nossa Faculdade reuniu-se várias vezes, discutiu longas horas e decidiu que nada havia que fazer. Este desfecho da-ma lembra o que freqüentemente sucedia nas congregações beneditinas, de que falam as crônicas conventuais. A equiparação nada tem de depreciativo para nós outros; pelo contrário, ficamos com saldo a favor; porque entre os monges a que me refiro grandes lumes havia de santidade e de ciência. E estes, depois de debaterem, com a paciência que os extremava, os pontos levados ao capitúlo, também resolviam que nada ficava resolvido.

Há, todavia, casos em que a inércia dos corpos deliberantes é uma deserção às responsabilidades coletivas; ela autoriza a anarquia dos costumes pela evasão mesma dos fundamentos morais da disciplina; e, perdida esta, o amor da ciência, o gênio das vocações, a sinceridade dos estímulos, tudo, arrastado pela crise, vai à garra. Esquece-se a congregação da nossa Faculdade que tolerar o desrespeito à solenidade dos atos públicos é enterrá-los ou todos pessoais no planalto onde se fere o tornelo das doutrinas, legitimar as desfaçanhas físicas, abrir uma porta sinistra para as represálias sanguinolentas. Isso que presentenciamos não é talvez senão o começo de uma fieira de infiúrtios de mal porte. Praça a Deus estejam remotos de nós tempos mais bruscos; e jamais lobriguemos, de longe sequer, a perspectiva das grandes demolições do ensino. Se não, aqueles que deviam acatular a catástrofe hão de, também, sob o peso dela, padecer dias amargos; e quando desampararem essas ruínas, de que foram arquitetos, terão de mostrar aos seus sucessores, como uma lição seu fruto, as tão arrependidas.

Fusse um desprotegido estudante, que, em hora infeliz, viesse interromper com lèrnia uma aula oficial em qualquer destas enfermarias. Sem detença, havia de realizar-se, sob as ordens congruentes das duas diretorias, a expulsão do reprobado. A diretoria de si ai estava para impedir de transpor os umbrais da Faculdade por esforço de um, dois ou três anos, até que, no

termo desse prazo, ele se houvesse regenerado nas agruras da penitência; à diretoria de cá dar-se-lhe também toda a solicitude em promover o interesse pessoal do doido indivíduo, ainda que, para tanto, fosse mestre penetrar-se dessas austeras veemências da justiça divina, outrora vibradora do agito indignado dos traficantes que chatinavam na casa de Deus.

Em verdade, nestas regiões há o que quer que seja da fé religiosa, intemerata e viva, qual que se eleva no coração dos crentes, — torrente de consolações e refrigerios que deram sobre todos nós as abundâncias da indulgência e as maravilhas do perdão. Nestas paredes, sob este teto, à sombra daquele altar, percebe-se na ordem das coisas temporais o toque celeste da caridade, o ignoto talismã dessa perpetua valedor de infelizes e dos enfermos, que a uns abrandava pela resignação às inclemências da vida, a outros restituía a saúde, e aos que nadem temem quem os vai fechar nas sepulturas amadas, recata-lhes com o funebre lençol a última desnudez no loquacídio do fosso comum.

Muitas vezes, senhores, refugiado nas minhas cogitações, perguntei a mim mesmo porque já de condensar derredor de mim o rebojo de um temporal que venha ralvando de longe e ainda não calou. Agora vejo que tudo se resolve no fato de conservar-me como diretor do Instituto Sanitário Federal. Tinha servido este cargo com tanto sacrifício quanto lealdade, e para manter-me nele nunca me hão de ver apaganeado o azeite verde dos ministros, nem engrossando na escada das secretarias a chusma dos pedinhas, a farândula dos aderentes, o prestito dos lacaios. Este ano desencadeou-se a borracha numas das casas do parlamento, por ocasião de discutir-se o orçamento do Ministério do Interior. Ai a impotência do ofício, cansado de segregar, durante quase dois anos, a sua peçonha, debaixo da terra, empinou-a esta vez em botes desesperados.

O exame dos serviços adstritos, à minha repartição era ponto secundário; o principal era descompôr-me, taxando-me de "Intingente vulgar e homem sem caráter". Até hoje nunca me desfecharam tantamounte insulto. Tocado na minha honra, acudi logo por ela, exigindo as provas abonatórias do juizo do meu detrator. Quals foram elas sabeis, e também sabeis como deixei pulverizadas essas insinuações.

nueções caluniosas. Mais tarde, quando se a votar uma emenda supressiva do Instituto Sanitário, o mesmo indivíduo espiou na Câmara dos Deputados um boletim, onde, reeditando o estribillo da sua maledicência, articulava mais que era primo de dois deputados da Repartição Sanitária Federal, porque tinha um genro funcionário dela. Ora bem; a respeito dessa garabulha de primos e genros, os dois ilustres deputados incontinentes demonstraram que era tudo um tecido de meniticas e mentiras das mais despejadas.

Levantou-se então confuso e cababicho, o autor do mexericão parlamentar e confessou que tinha sido mal informado. Rancoroso fosse eu, e estaria sobrepujado a medida da minha vingança. Para servir aos interesses da nação, como sei representante, é preciso, antes de tudo, praticar a virtude e amar a verdade. O caso que refiro é do número dos que merecem lugar conspícuo na clínica da história, para ilustrar a sintomatologia das decomposições morais, dos colapsos da consciência, da gangrena do caráter.

Eu, ao menos, espero que, se chegar à velhice, nunca hei de ocultar aos olhos inquiridores dos meus filhos, no registo da minha biografia, as laudas anarracadas por uma vergonha.

Senhores, nada há no mundo que não tenha seu pé de utilidade. Conhecielas, no teatro de Shakespeare, as cenas bufas que se intercalam na corrente dramática. Pois bem: há criaturas tão necessárias como essas personagens das cenas intermédias. Que a Providência não extinga: são elas como outras tantas mãos bulícas, invisiíveis, impispáveis, que andam a titilar os hipocrônios do gênero humano, desfranzindo, pelo efeito desolante das bons gargalhadas, a carranca da vida.

Senhores e queridos discípulos, já excede os limites da vossa generosidade. Na pessoa do vosso obscuro mestre foi enxovalhada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A vossa palavra reprovadora, que aqui me veio colher de surpresa, é o mais solene desagravo dela. Por amor e por dever, em coração e quase em lágrimas, permiti que vos agradeça a atitude da vossa homenagem à dignidade do ensino.

O espírito de Francisco de Castro - (Da Academia Brasileira)

CLEMENTINO FRAGA

(Da Academia Brasileira)

Francisco de Castro conservou intacta a índole erégia maníaca em linha imperável, conforme o conselho de Marco Aurélio: "Se senhor te irá mesmo e guarda-te um valor nos dias felizes, como nos dias adversos". Solene de ânimo, era intimamente tolerante e benevolente na composição das maneiras e gravidade tinha, por parte, embora no seio dos amigos nunca tivesse abandonado o gosto da anedota feliz, ou o flagrante da alheia cataracte, sobretudo quando as reverências possíveis acertavam em individualidades conhecidas.

Num artigo sobre "Francisco de Castro, traços íntimos", seu filho, o ilustre e saudoso advogado, do mesmo nome e também já falecido, refere pequenos episódios que recordam a personalidade paterna com aquela feição, que lhe conhecemos da

adolescência. Contava Castro de velho senador, nosmano no vale do Paraíba; comentava o interlocutor: "qual colera: aquilo foi devido aos péssegos verdes".

— E quando acabaram os péssegos?

— "Foi por causa das laranas verdes". E acrescentou: "foi uma história do Clínic de Castro e do Azevedo Sodré para se encrerem. Qual colera! Foi epidemia arranjada para dar emprego a afiliados".

— Creio bem, disse o nosso mestre tranquilamente: o tal Castro com aquelas sucas e óculos azuis sempre me pareceu um velhaco, mas o Sodré...

Castro saboreava o fato cada vez que o referia aos amigos.

— Em 1894, numa de suas viagens a Caxambu, travou com o chefe do comboio, que o não conhecia, animada conversa.

Pouco antes tinha havido a epidemia de "Cholera-morbus" no

contra o colera".

Castro era naturalmente sôbrio e tinha boa mão nos prazeres e gozos da vida; como Séneca, fazia da temperança a condição suprema da ciência e da virtude. Certa vez convidava um conterrâneo, que, não obstante amigo da mesa, tal não queria parecer, fazendo amizade grandes gabos à recepção sobriedade do seu médico. Ao jantar, não faltaram, para regular o amigo da boa terra, os famosos pratos da cozinha local.

Servido o primeiro prato, disse Castro ao seu vizinho: "um veneno".

Só o homem concordou e fez passar adiante. A vista da segunda vianda, quando se despediram, na apresentação ao outro chefe, como lhe não saía o nome, disse anavel: "Um

E o convidado recusou.

O terceiro prato era uma variedade rubra e explosiva da cozinha baiana, e dele à morta, quando o anfitrião vai seregar-lhe o bom aviso, o anúncio, levando as mãos à cabeça, disse exasperado: "pelo amor de Deus, deixe-me comer". E comeu tudo, chamadas de novo a cito as comeduras já passadas.

O julgamento

dos homens

Francisco de Castro

Devem juizares os homens, medir-se-lhes a influência, não quando as idéias deles harmonizam com as da época que os brotam, senão nessa especial conjunção da vida em que joram singulares no seu modo de pensar, quando militaram só contra as correntes gerais da opinião.

FRANCISCO DE CASTRO - RUI BARBOSA

Não andaram com acerto os amigos de Francisco de Castro, que, levando ao prelo, em comemoração do primeiro aniversário de seu passamento, estes preciosos resíduos esparsos da sua obra, querem de mim em algumas linhas de prelúcio a este opúsculo, o transuto da sua ideia. Faltam-me, todavia certas forças, para corresponder à exigência dessa missão tão áltima da sua serenidade. Sou um dos fumadores por aquele dia fatal; e ainda não volvi a mim da turvação de ânimo, em que me sobreviveu.

Acabara a sua habilidade náufragia de operar em minha casa a salvação de uma vida, que me importava muito mais do que a minha mesma, quando furestos destinos o arrebataram à nossa gratidão e à nossa felicidade. Tinham-nos cabido em sorte recolher os derradeiros benefícios do seu gênio; e mal sabíamos, na efusão do nosso contentamento, que a ironia da miséria humana se apresentava a trocar-nos a sínistra ameaça de um luto na realidade imprevista de outro. Ninguém se sumiu nunca dentro de vivos em circunstâncias mais inopinadas. Não foi tão somente sobre os que o uniam que caiu, como o estalar de um catafalco, a surpresa tenciosa. Toda esta cidade se achou atormentada numa estupidez, a que os próprios inimigos da vítima se não evadiram. Fez-se entre nós, por toda a parte, grande tristeza, profunda escuridão. Os que se dirigiram à casa fúnebre pelo ráo, tinham a impressão de que o desbarato dessa existência subtraía à nossa, uma defesa intrincável, irremediável. "Sentiu-se a gente sem segurança", dizia-me, naquela consternação, um dos mais eminentes colegas do mestre. Estas palavras podiam inscrever-se na loja de sua sepultura. Não haveria outras, que definissem tão bem a intimitade da nossa perda e a com共oção geral.

Enquanto o enredo dos profissionais se debatia no estranho mistério do caso, a curação dos amigos resistiu à evidência tragica da destruição. Disse-se que a morte se estabeleceu comprazendo em desmentir-se no semblante do morto. Não lhe havia nas faces vestígio de sofrimento. Naquela fusionalia não se divisavam as sombras de alegria. Passara de um a outra vida sem sobressalto. Estava-lhe no rosto uma placidez quase sorridente. Eram as mesmas curas. Na palidez habitual do gesto revia a bondade, a simpatia, a docura do costume. Cusina a crer que aquelas pálpebras nunca mais se reergueriam. Não faltava senão que, de repente, as vestes talares, que o envolviam, se agitassesem nas suas dobras, e outra vez ali se levantasse o professor entre os que o cercavam, buscando com os olhos o círculo numeroso dos seus alunos. Foi assim que o vi no seu leito mortuário, e pude figurá-lo vivente. Ainda um dos mais ilustres professores da Faculdade, sob o prestígio irresistível daquela rafraçao postuma da vida como a do sol no céu de certas tardes de outono, lhe tateou nas carótidas já inerentes, em busca da circulação, cujo movimento havia muito se extinguira. Mas bem depressa, como os raios vespertinos da luz solar, se despediam melancolicamente de nossa última ilusão, e aquela fronte ovalhada das nossas lagrimas descia a noite irreversível, apenas com os seus longos catilinhos da remota esperança celeste. Quando entro a contemplar outra vez, desta distância, aquela tranquila e suave imagem da vida já no regaço da eternidade, não chego a entoar a bella morte pielesa de LEOPARDI, mas comprehendo a formosa inspiração do estatutário grego, quando entrá os

braços na Noite, filhos gêmeos das suas entranhas, presos um ao outro por um beijo inseparável, o Sono e a Morte. Felizmente o cristianismo povoou de uma divina realidade o vazio sonho hebreu, e a poesia que ela exala, se nos reconcilia com as iniquidades da morte, verte ao menos outro balsamo para as suas incuráveis feridas.

Os escritos que se enfeixam nesta brochura, pertencem às opera minora de Francisco de Castro. São lavores de ocasião, frutos dos seus breves lazeres, diversões em que espalhava o humor, ou o medo; e nem sempre voltavam a mim da turvação de ânimo, em que me sobreviveu.

Acabara a sua habilidade náufragia de operar em minha casa a salvação de uma vida, que me importava muito mais do que a minha mesma, quando furestos destinos o arrebataram à nossa gratidão e à nossa felicidade. Tinham-nos cabido em sorte recolher os derradeiros benefícios do seu gênio; e mal sabíamos, na efusão do nosso contentamento, que a ironia da miséria humana se apresentava a trocar-nos a sínistra ameaça de um luto na realidade imprevista de outro. Ninguém se sumiu nunca dentro de vivos em circunstâncias mais inopinadas. Não foi tão somente sobre os que o uniam que caiu, como o estalar de um catafalco, a surpresa tenciosa. Toda esta cidade se achou atormentada numa estupidez, a que os próprios inimigos da vítima se não evadiram. Fez-se entre nós, por toda a parte, grande tristeza, profunda escuridão. Os que se dirigiram à casa fúnebre pelo ráo, tinham a impressão de que o desbarato dessa existência subtraía à nossa, uma defesa intrincável, irremediável. "Sentiu-se a gente sem segurança", dizia-me, naquela consternação, um dos mais eminentes colegas do mestre. Estas palavras podiam inscrever-se na loja de sua sepultura. Não haveria outras, que definissem tão bem a intimitade da nossa perda e a com共oção geral.

Enquanto o enredo dos profissionais se debatia no estranho mistério do caso, a curação dos amigos resistiu à evidência tragica da destruição. Disse-se que a morte se estabeleceu comprazendo em desmentir-se no semblante do morto. Não lhe havia nas faces vestígio de sofrimento. Naquela fusionalia não se divisavam as sombras de alegria. Passara de um a outra vida sem sobressalto. Estava-lhe no rosto uma placidez quase sorridente. Eram as mesmas curas. Na palidez habitual do gesto revia a bondade, a simpatia, a docura do costume. Cusina a crer que aquelas pálpebras nunca mais se reergueriam. Não faltava senão que, de repente, as vestes talares, que o envolviam, se agitassesem nas suas dobras, e outra vez ali se levantasse o professor entre os que o cercavam, buscando com os olhos o círculo numeroso dos seus alunos. Foi assim que o vi no seu leito mortuário, e pude figurá-lo vivente. Ainda um dos mais ilustres professores da Faculdade, sob o prestígio irresistível daquela rafraçao postuma da vida como a do sol no céu de certas tardes de outono, lhe tateou nas carótidas já inerentes, em busca da circulação, cujo movimento havia muito se extinguira. Mas bem depressa, como os raios vespertinos da luz solar, se despediam melancolicamente de nossa última ilusão, e aquela fronte ovalhada das nossas lagrimas descia a noite irreversível, apenas com os seus longos catilinhos da remota esperança celeste. Quando entro a contemplar outra vez, desta distância, aquela tranquila e suave imagem da vida já no regaço da eternidade, não chego a entoar a bella morte pielesa de LEOPARDI, mas comprehendo a formosa inspiração do estatutário grego, quando entrá os

de uma grande alma retraída e avara os segredos da sua bondade. Desta experiência eu ainda agora, de alem túmulo, o influxo carinhoso na solene alusão do seu discurso cancelado pela morte, a um afeto que se nutriu, em mim, de admiração ainda maior que na bentidão; e, hoje, as saudades, embora amarissimas, do que nele perdemos são tanto como o sentimento daquele que ele perdeu todos.

Era Castro, em nossa terra, a mais peregrina expressão da cultura intelectual que humilhava. Tendo encontrado entre os nossos naturais, alfas rurais, artistas e sabios. Mas nele se me separava entre brasileiros, o primeiro exemplo, e único até hoje, a meu parecer, de um sabio num artista. Na exortação da verdade, ou do bojo, como no amor ativo do bem, era a mesma exceléncia, a mesma primazia, a mesma facilidade elegante de quem se acha no seu, e na consciência dele se move como no seu ambiente natural.

Sua linguagem derivava da mais cristalina veia portuguesa. Pousando-lhe pela boca, ou pela pena, rejuvenescia muitas vezes, o dizer antigo, sem desair do seu saber, da sua energia, ou da sua veracidade. Com a mesma competência frequentava as regiões mais estranhas da literatura e as mais áridas aspernas da filologia. Tinha a sua erudição as raizes no mais fundo e minucioso conhecimento das humanidades, que possuía, amava, e utilizava magistralmente. Não citava de segunda mão os grandes: brilhantes na fonte. Profundava com prazer e desembargo, no latim, as origens de nosso idioma. Dos que lhe são parentes germanos tratava os livros e usava a prática não evitando as más vezes se costuma, por assentilar, em transplantações espirituais, no dizer e escrever, conhecimentos aparentes, sem saber, e amuleteando o que sabia, com a proficiência, a firmeza e o critério do sólido saber. Nas linhas sáxias não era menos sério e seguro seu cedabel. Tinha com o inglês, em que se exprimia correntemente, as relações mais familiares. Na sua biblioteca emparelhava, em estreitação e uso, com o dicionário de Littré, a obra, ainda mais monumental, de John Murray e da Sociedade Filológica de Londres. Ensinava o alemão, e nele falava como no próprio idioma. Dessa imensa provisão mental, porém, não resultava, nas suas manifestações orais ou escritas, a menor preocupação. Toda eloçânia desestudada e harmoniosamente na expressão natural das suas idéias, sem que o criador e o prosador ressumbrasse o gramático, o filólogo, ou o eruditó.

Não é dele, pois, que se pode ira, recravar como escreveu alguém de certo médico estrangeiro, cujo amor da literatura encerra apontando, no céu que lourava, "o mês mais esperto dos dilettantes literários". E. Francisco de Castro brilhava a mesma vocação consumada nas letras e na medicina. Mas era nesta, sobretudo, que se percia com ele a largunta das benções do Criador. A amplitude das suas idéias, que se estendiam entre as dâdivas do Senhor as criaturas condenadas ao sofrimento pela mácula original. "Honoro medium propter necessitatem, dix o Ecclesiastes (2); etenim illum creavit Altissimus. Nem em todos os ministros desse sacerdócio se manifesta, entretanto, a unção da investidura sagrada. Muitos há, nos quais de todo se apagou. Outros apenas a espigas trans-

luç, oscila e bruxoleia a claridade do selo divino. Em Francisco de Castro ela parecia um effluvio da sua pessoa, afixando-se distintamente, e sempre, sob a expressão de uma inefável dignidade, a que nada seria comparável, senão a simplicidade que a revestia. Não era só a distinção de sua personalidade, a calma de sua voz, a nitidez de sua diction, o imperio sereno das suas respostas, dos seus conselhos, das suas soluções, das suas ordens profissionais. Sobre todas essas partes, que já o privilegiavam, se revia nele uma emanacão do interior, que lhe punha a evidência nos lábios, a persuasão no olhar, no vulto, cujos toques vislumbravam a effigie de Cristo, um lume de inspiração, nas palavras, autoridade irresistível. Entre as provações mais tristes do seu ministério, ainda à cabeceira dos enfermos perdidos, o mais célebre, o mais pessimista, escutando-lhe os prognósticos e preceitos, havia de confessar a ciéncia: Este quedam medicine cert" (1).

Um dos artifícios contra ele tecidos pela inveja, que nunca se lhe despregou do eterno, era desafiar no médico, exaltando a eminência do professor. No magistério, isso sim, diziam, é que era ver a sua grandeza. Mas a verdade está em que maior do que aquele professor só aquele médico. Quem ouvisse unicamente o dictado, não podia culpar o que era, e quanto o excedia o facultativo. No seu maravilhoso tratado de propedéutica (2), há uma página singular e astuta sobre o valor, no exame clínico, do "modus faciendi". "E' nessa exploração", advertiu o autor, "executada segundo regras idênticas, que entra nessa operação analítica um pouco de aptidão ingénita do observador, um pouco desse produto, porque, assim o digamos, do inconsciente que todos trazemos como a mais sólida camada da nossa organização psicológica. Mas nem por isso menos fecunda é a ação da arte". Assim se exprimiu. E estava vendo que, no inculcar, com esta severidade a disciplina dessas regras, em si mesmo cogitava o expositor, que de sua aplicação foi sempre estrito modelo. Mais de uma vez o vi eu, em casos misteriosos e solenes, cogitar sistematicamente a série das provas explorativas. Sentia-se, em tais momentos, que não era um lata-dor vulgar aquele, cujo espírito arcava com essa confiança imperturbável contra as evasivas do ignoto nos recessos mais obscuros do organismo humano. Enquanto a vista, o ouvido, o tato, lhe percorriam, no enfermo, toda a esfera dos recursos inagutados, dir-se-ia que, por um fenômeno de inversão absurda, se voltava para dentro de si mesmo a atenção do inquiridor, sua insistência, sua pesquisa, e buscava em seu próprio ser a decifragem clínica do enigma. E' que a arte dobaldo engenharia e recolhera o fio de sua sondas. Profundezas imperceptíveis lhe occultavam em sua escondida e incógnita inclusa. Então, sem esforço, por um ato involuntário da sua capacidade, por uma evolução espontânea do seu tino, por um movimento reflexo da sua cribragem, esse inconsciente, de que fala o mestre, e que é o domínio privativo do gênio, o atraiu a seus abismos deffosos, a intuição esclarecer de lamprejas reveladoras, para seus eleitos, a imensidão silenciosa e impenetrável.

Esse dom, que caracteriza os grandes clínicos, de frustrar o

sigilo às moléstias mais dissimuladas tinha, em Francisco de Castro, arca de soberanial. Uma predestinação raciosa, auxiliada por sua omnimoda instrução em vários elementos da medicina, armara-o com o diagnóstico impecável dos grandes mestres. Em qualquer dos ramos de saber hipocritas alunas e professores encontravam nele um consultor inestimável. Nunca o procurou nenhum, que não tornasse com o que buscava. Fisiologista profundo, patologista superior, prático de experiência infinita e de descritivo inalcançável, sua terapêutica era de uma simplicidade ideal. Uma diagnose quase matemática alumava o rumo ao tratamento, e a medicina, reduzida aos principios de estrita racionalização, seguia persistentemente o caminho indicado. Tão avesso às invocações artificiais, com que a impostura da pseudo-ciéncia armava o timbre de sua prática era furar o doente nos micos da cura, bascar o principio de seus auxiliares na propria natureza, e acordar, estimular, encaminhar, utilizar as reacções utiles da vida.

Tipo da modéstia e seriedade,

que poderia ter inspirado a Ci-

cero (1) o "medicina, arca honesta", esse talento escondido

cu amorteção as suas limitações no círculo estreito do seu

pabellón, da sua enderia e do seu hospital, evitava com re-

pugnância as exhibições mais

naturais dos seus rumos, e isso

se movia sempre, para obstar a que o despossasse de seus lotos mais justos. Bem me lembra, num desses casos, a sua soberana indiferença. Tratava-se de um alto personagem, cuja salvação era a conquista absolutamente difícil. A outro, porém,

que lhe veio a suceder, se conspiaram certas aparições em obstruir as horas públicas no triunfo. Cortezas e冒iquerentes, mas por servir no primei-

ro, outros por magoar o se-

gundo, andaram entâo, nas lo-

linhas e conversas, a competen-

cia a quem mais necessitava e

falso vencecid, para desmicer-

er o verdadeiro. Eu, que opu-

raia e conhecia de parte os

fatos, dei-me do engano e per-

gunhei ao defradado porque va-

ria não ratificá-lo, quanto fici-

me aí. Sorri, e respondi-

me que não valia a pena "O

que eu quer", acrescentou. "e

que o dechte fique bom"

Religiosamente devoto da ciéncia que professava, não se iludia. contudo, sobre a fatalidade dos seus limites. Ninguém melhor sentia o "imbecillor est medicina, quam morbus" (1). Ouvilhe um dia estabelecer a porcentagem das curas no quadro das enfermidades e o do ativo profissional na estatística das curas. Era de esmorecer o maior obstinado otimista. Mas o seu bem equilibrado menor da ciéncia e da humanidade não esmorecia. Estudando um dos mais famosos clínicos de França, o professor Peter nos três volumes de suas lições escrevia um critico bem conhecido: "Sua's putativas testemunham brilhantemente grande humor de verdade; mas suas entrelinhas o que ali por todo a parte se está lendo, é um in-criavel otimismo e, quanto a ciéncia, a tanta absoluta de fe, associado ao gosto de purismo". Era de outra tomara, mais su, mais forte, mais fina, a grande alma daquele mestre. A despeito das impossibilidades opostas à razão, não desmaiava da fé na ciéncia, tanto não perdeu a fé em Deus, maior que as impledades da natureza. Circunspecto por essa inferioridade visual aos estritos horizontes da arte, o pratico francês havia de ser, como foi,

induzido a negar as mais encantadoras maravilhas do progresso na medicina moderna, as teorias e os descobrimentos de Pasteur, a empenhar contra as verdades que poucos anos mais tarde estariam no catedral comum dos livros elementares, a luta memorável, em que o erro de sua cegueira dobrou lustre aos nomes já insignes de Vulpian, Bruxelles e Charcot. Não sabia professor brasileiro, porém, a assídua cultura dos grandes estudos lhe trazia constantemente aparelhado o entendimento para as novidades mais altas da investigação europeia com as miragens da ciência superficial; mas as revelações reais da ciência para logo se lhe inflamava o espírito na certeza da verdade.

Dois escritos e trabalhos profissionais de Francisco de Castro, de suas contribuições originais para a evolução das idéias na medicina, não são eu quem poderia falar. Alguns dias já houve que disse com a competência dos entendidos. Outros o dirão de futuro, com vagar e autoridade. Desagradavelmente li-o por acabar o seu "Tratado de clínica propedeutica", produção magistral, que a obscuridão do nosso idioma furta a admiração da Europa. E' de supor que discípulos e amigos, integrado o cometimento, de que nos dão hoje o primeiro prêmio neste volume, coordenam e tragam à estampa, reunidos, os seus artigos, memórias e ensaios dispersos. Restaria ainda que alguns dos seus melhores alunos saldasssem o débito de agradecimento, em que lhe hão de estar, juntando e registrando, quanto ser possa, os dissensos dos fragmentos de sua experiência e de seu ensino, que a inspirada palavra do clínico e do professor semeava prodigiosamente, entre os que iam ouvi-la, nas visitas clínicas nas classes, nas enfermarias hospitalares.

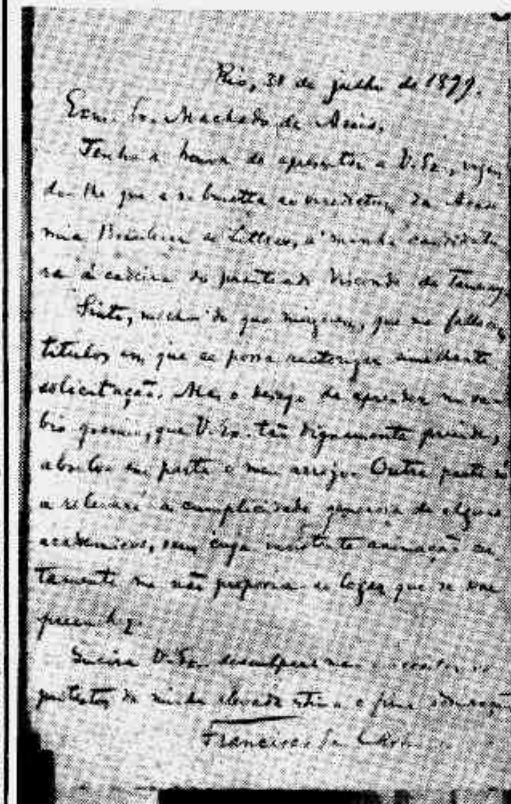
Mas a obra de Francisco de Castro está destinada, por sua natureza, a não deixar na imprensa mais que alguns trechos, por onde apenas lograriam os que o não conheciam estimar a grandeza magnifica de todo, como por um dedo se mede a estatura de um gigante, ou por um osso da estrutura perdida uma dessas espécies extintas, cujo desmarcado tamanho nos assombra. Por que a obra de Francisco de Castro está em sua vida, cuja modestia, cuja benemerência, cuja intelectual fecundidade, recorda a desse bom e grande Potain, "o melhor dos homens e o mais perfeito dos médicos de seu tempo", honra e modelo do corpo médico em seu país e, como aquela se resumiu neste despojamento, aplicável assim a um como a outro: "grande sábio, portentoso clínico, mestre incomparável, benfeitor cotidiano", só lhe faltou viver mais, porque se lhe pudesse dizer, como se disse ao patriarca e oráculo da clínica francesa: "Todo o mundo vos faz justiça". Este era moço ainda, e não viveu na mesma atmosfera de civilização para que a justiça vingasse emudecer todos os apaixonados, todos os nêscios e todos os māus. Mais dez anos de existência benéfica e aureolada que curava, teriam erado em torno de suas lições escola da medicina brasileira, e derredor de seu nome ampliado um horizonte de celebridade e respeito, onde, sem rivais, dardesse na majestade plena de sua luz.

A mocidade, porém, que ele amou, e que resistiu, por saber amar, teve o pressentimento desse zenite, cuja glória matuou fados atalharam, saudando-o, os seus entusiasmos de vidente, como "o divino mestre". Por esse epíteto em vão resvalaram os remoques da inveja. Entre os que o conheciam, ficou-lhe o culto e hā de perdurar.

(1) — Entre esse, o dr. Elias de Barros, no seu ensaio biográfico, sobre o prof. Francisco de Castro (Rio de Janeiro, 1902).

Correspondência de escritores A colaboração de Filobiblion

De: Francisco de Castro a Machado de Assis (na apresentação de sua candidatura à Academia Brasileira)



Rio, 31 de julho de 1899.

Exmo. Sr. Machado de Assis.

Tenho a hora de apresentar a v. ex... rogando-lhe que a submetto ao veredictum da Academia Brasileira de Letras, a minha candidatura à cadeira do pranteado Visconde de Taunay. Sinto, melhor do que ninguém, que me faltassem títulos em que se possa autorizar semelhante solicitação. Mas, o desejo de aprender no árido prêmio, que v. ex. tão dignamente preside, absolve em parte o meu arrojo. Outra parte é a relevância e simplicidade generosa de alguns académicos, sem cuja insistente animação certamente me não propria ao lugar que se vai preencher.

Queria v. ex. desculpar-me e aceitar os protestos da minha elevada estima e firme admiração.

FRANCISCO DE CASTRO.

MÉU PAI — Aloysio de Castro

(Continuação da página 129)

tim com o coração. Horácio, com boa graça, entrou a encantar-me e com Virgílio me encantou para o resto dos dias; e eu passei a viver em Roma, em Roma onde ainda hoje vivo.

Quantas outras vezes, com iluso sentimento de veneração, me extasiava na benevolência do meu pai. Quando comecei a frequentar o hospital na minha iniciativa médica, ali chegava pela manhã em sua companhia. Eu notava que meu pai entrava apressado e olhava para o chão. Moço, eu distraí curioso os olhos para a direita e para a esquerda. Mas um dia ele me observou: "Num hospital não se olha para os lados!". E como no meu ar percebesse interrogatório, logo explicou: "Entre os que esperam a consulta gratuita, numa saída de hospital, há de haver alguém que não queira mostrar sua bobreza". E então eu compreendi, naqueles simples gestos de discrição, o que era o respeito pelo pudor dos outros.

Num outro dia, durante a lição, eu vi Francisco de Castro interromper por momentos a preleção, abaixar-se, tomar ele próprio a escarradeira e oferecer-lhe a carinhosamente no doençalismo. Que nos impetos de um acesso tossia sem cessar. Com a austera figura emoldurada na

sua elegante sobrecasaca (não aquele tempo os médicos ainda não tomavam o avental na enfermaria), eu vi e ouvi a lição quando ele, voltando-se para os alunos, disse, impondo as mãos: "Isto se faz aqui no hospital, com o indigente, a quem temos por honra servir. Lá fora, na clientela privada, na casa dos ricos, não desça o médico ao papel do enfermeiro, para que não se tome um ato destes como dedicação interesseira".

E então percebi o que era a dignidade do médico.

Que perfeita compreensão do exercício clínico tinha Francisco de Castro.

Iamos os dois, certo dia, meu pai e eu, então já estudante de médico, pela rua dos Ourives, quando ele se deteve, saudado por um senhor alto, bem apessoado, de aspecto sadio e de ar contente, porque falava muito, e a loquacidade é uma das formas do contentamento. "Ah, que clima", dizia o homem. "Que maravilha, amendo, igual a céu sempre lavado. E que lindo o Minas!" Francisco de Castro escutava, o olhar um pouco vago, batendo afirmativamente com a cabeça. Não se acabava o panegírico, sempre a mesma história. "Que clima maravilhoso!" Eu, esperando, já me sentia enfadado; meu pai, ao contrário, continuava a

ouvir com deferência e sem pressa, concordando com a razão. Afinal, despediram-se. Quem era aquele sujeito massador? Meu pai me informou, enquanto caminhava, meneando pausadamente a sua ben-gala de castão de ouro. Era um dos seus clientes, que estivera grave e a quem aconselhara a estação de altitude, de onde regressava. "Que prolixo", disse eu. "Em todas as ocasiões devemos ter grande paciência com os doentes", falou meu pai.

E depois de um repôs, completou: "Viste que, curado, ele só teve louvores para o clima e nenhuma palavra de agradecimento para o médico que lhe diagnosticou a doença, e o obrigou a partir e lhe deu a norma exata do tratamento. A gratidão é sentimento superior, não está no alcance de todos, não a devemos esperar sempre que se mearmos o bem. Sabíamos desculpar aos que nos faltam com ela. Alegra-me ver o homem curado, e só o que eu queria!" E pouco depois, sentando-se na sua carruagem, tirada por dois ardegos cavalos negros, meu pai me repetia, a sorriso filosoficamente: "Mas que clima! E que liete o de Minas!"

Eu aprendi então que só há um prêmio por aspirar na clínica: o benefício do doente.

Não se passou um dia em que da companhia de Francisco de

Castro me não viesse uma alta lição. Meu espírito se aferrou no seu exemplo, e nas páginas íntimas da minha vida sua imagem se alteia como a de uma divindade. Nossa união subsistirá no tempo. E se um distílico puder abrigar-se na lousa que me cobrir o lado do seu túmulo, seja só: "Este amou o pai".

O Estado estimulador dos indivíduos

Francisco de Castro

Intervenha, ou não, o Estado no fôro social. Mas se deve desistir com a sua tutela ao engrandecimento e bem estar geral, agregando pelas coesões do interesse coletivo os egosismos dispersos; se não deve multiplicar no solo patrio os focos de atividade produtora; se não deve estimular e dirigir na missão das classes laboriosas, a eterna revolução do trabalho; ao menos não esmoreça o arrojo dos iniciadores, não quebre os instrumentos vivos desse otimismo providencial, que busca pela força das idéias antecipar o futuro, precipitar os sucessos, reunir em poucas horas a secular germinação dos princípios, aproximar a maturidade das coisas.

ACHADO N. 3

Joaquim Gonçalves Ledo é das figuras mais interessantes que participaram do movimento da Independência política do Brasil, pelo seu liberalismo exaltado e pela sua dedicação à causa nacional. As virtudes cívicas desse republicano ficaram demonstradas em mais de um lance que os biógrafos registram; sua ação intelectual confirmam-na os escritos patrióticos, que acenderam na época um entusiasmo incuvível pelas idéias de liberdade em todas as classes sociais.

Foi um polemista, um agitador, quase um revolucionário, a que os brasileiros ainda não prestaram a homenagem que lhe devem. Porque Ledo merece alguma coisa mais do que as poéticas costumeiras, com um retrato inventado...

Sua ficha bibliográfica está incompleta no meritório Sacramento Blake (*Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, IV, 144-146, Rio, 1898); precisa revisão mais cuidadosa, da qual há de sair ampliada de novos números. Nesse sentido convém tomar nota de sua tradução da obra de Aigan — *História do Juri*, que Blake desconheceu, e que apenas Tancredo de Paiva, em suas prestimosas *Actas a um Dicionário de Pseudônimos*, n. 597 (Rio de Janeiro, J. Leite & C.º, 1929), citou:

— *História do Juri*, por Mr. Aigan, Traduzida em vulgar por J. G. L. — Rio de Janeiro. Na Tipografia de Silva Porto, e Comp. 1824, in-4, de X + 199 pp., índice e lista de subscritores, que foram 185 para 230 exemplares. Entre os subscritores há uma dúzia de nomes notáveis, como sejam Bento da Silva Lisboa, brigadeiro Domingos Alves Branco Moniz Barreto, conselheiro Francisco Alberto Teixeira de Aragão, Guilherme Westin, conselheiro José Albaldo Fragoso, dr. José Maria Bouteiro, conde Januário da Cunha Barbosa, Luís Joaquim dos Santos Marracos (o tal das *Cortas Familiares*...), Manuel Maria Bergaro, dr. Ovidio Saravia de Carvalho e Silva, Paulo Fernandes Viana e conselheiro Vicente Navarro de Andrade.

A citação de Tancredo Paiva faltava a comprovação, necessária no caso, por isso que J. G. L. tanto podia significar Joaquim Gonçalves Ledo, como qualquer outro nome a que se ajustasse aquelas iniciais. Mesmo porque as traduções são extraídas à sua produção literária. Mas o bibliógrafo, que herdou o tino do velho e saudoso livreiro-antiquário, que foi seu pai e seu mestre, acertou dessa vez, como de tantas outras. A versão do livro de Aigan é realmente trabalho de Ledo, como se documenta agora com o seguinte *Aviso do Diário Fluminense*, de 27 de outubro de 1824:

"Na loja de livros de João Pedro da Veiga se subscreve para a impressão da obra intitulada *História do Juri*, escrita em francês por Mr. Aigan, do Instituto de França, e um dos autores da Minervia, e traduzida em vulgar por Joaquim Gonçalves Ledo. — O preço é 18'000".

A loja de livros de João Pedro da Veiga se situava à rua da Quitanda, canto da rua de São Pedro.

Fui a indiscreção do patriarca dos livreiros nacionais, que revelou o anonimato, que Ledo parecia querer modestamente guardar.

Espírito literário e vulgaridade

FRANCISCO
DE CASTRO

O cenáculo das letras é com efeito o teatro das maiores prerogativas e excelências do espírito humano. Em todas as épocas e sob todas as latitudes se encontra a região das águas. A mediocridade ainda alguma vez alcançará imperar no mundo sob as fúrias amargas da democracia; não lhe custará vencer, porque é o número a massa, é a força, é o peso esmagador e brutal; reverter em nome dos principios naturais: instituições, costumes, leis, fundações, sólidas ou

caducas, tudo poderá impor ou derrotar, mas nunca terá nas mãos o governo das letras. No âmbito delas as almas soberanamente a condição do terreno, embém-se nas alturas incorruptíveis; refugiam-se nas paixões que a imaginação provoca e o mistério ilumina; batem-se nas auras faguetes de outros céus e de outros horizontes.

Com o elemento mediocre começa a ação corrosiva, a batalha dos vermes no corpo inanimado, o despenhamento pro-

fundo sob o martelo das raças decadentes. E' o momento das aberrações literárias; os levitas abandonaram o santuário poluído; fecham-se para a arte as perspectivas frementes de luz e de vida; a estética refugia dos seus tipos orgânicos a flor da beleza moral; a perverção de gosto cria escola e prospera em discípulos; a envergadura dos condores, habilitada a escalar os pináculos andinos, passa a ter por medida os surtos razos de uma literatura de galinheiro.

A vulgaridade não vai com o espírito literário; são entidades contrapostas; ela é um poder aristocrático por exceléncia; ela é por exceléncia um poder nivelador; e a nação em cujas letas frutificar o germe da mediania, é um organismo liquidado. A inferioridade espiritual tem o seu relevante papel na materialidade ou no industrialismo da vida prática. Mas penetra no território da vida sublime, e logo degenera nessa florescência estéril e maligna, que a cada instante co- bra mais arrojo e toma maior licença, ate suplantar a cultura das idéias gerais, extinguir a chama das inspirações superiores, calar nas vozes proféticas do coração as promessas do futuro. Nada resiste ao contacto de tamanha flagelo: dirige-a a sombra conveniente de uma flora maldita, transformando as verduras da terra, as fertilidades e medraneos dos torrões abençoados, as novidades da natureza virgem, numa larga vegetação de folhas mortas.

Notícias literárias

1 — *Alphonse de Guimaraens*, o grande poeta brasileiro, parece estar — hoje, que passam vinte anos sobre sua morte — mais vivo do que nunca. Há três anos saiu a excelente edição de suas "Poesias", aumentada oficialmente pelo Ministério da Educação, e trazendo notícias e estudos de Mário Bandeira e João Alphonse.

Agora está anunciado o reaparecimento da "Ilha de Alphonse de Guimaraens", escrita por João Alphonse. Esse livro deve vir acompanhado de um ensaio do sr. Emílio Moura sobre o encantador poeta de "Pastoral aos Círculos do Amor e da Morte".

2 — O sr. João Alphonse anuncia, além desse livro sobre Alphonse de Guimaraens, um novo romance, que se intitulará "Montanha".

3 — O sr. Herman Lima, que publicava, ainda este ano, o seu "Na Ilha de John Bull", crônicas de sua permanência na Inglaterra, anuncia o aparecimento de um próximo livro de viagens, intitulado "Outros céus, outros mares".

4 — A poeta Rosalina Coelho, Lisboa, que há tanto tempo se tem conservado distante do contacto com os seus leitores, terá proximamente o seu nome figurando em novos volumes, nas vitrines das livrarias. Desta vez deve a autora de "Rito Pagão" publicar um romance, de ambiente e ação bem brasileira.

5 — O sr. Onestaldo de Penafiel tem publicados quatro livros de versos — "Escravos Floridos" (Tip. Bessard Frères, Rio, 1921); "Perfume e outros poemas" (Ed. Pinacoteca de Melo e Cia., Rio, 1924); "Interior e outros poemas" (Ed. Anuário do Brasil, Rio, 1927); "Espelho d'água — Jóias da Noite" (Ed. Terra de Sol, Rio, 1934). Salgão "Perfume e outros poemas", todos estão esgotados.

O brilhante poeta é também autor de duas notáveis traduções — uma do francês — "As Festas Galantes", de Perrault (Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1934); e outra do inglês — "Romeu e Julieta", de Shakespeare (Ed. do Ministério de Educação e Saúde, Rio, 1940). Anuncia agora o seu Onestaldo Penafiel o aparecimento de mais três livros — as "Poesias", "O Mistério poético" e a "Grinalda Verloineana", sendo este último uma coleção de traduções do grande poeta francês.

A VIDA É DE CABEÇA BAIXA

IGUAL

A gente vai indo, vai indo. Um dia, estou de repente. Olha para o céu, olha para o chão. Olha para a frente e vê os outros que vão indo, vão indo. Olha para trás e vê os outros que veem vindo, veem vindo. O princípio, ninguém sabe. O fim, ninguém imagina.

— Eh! companheiro! que é que você está fazendo?

— Estou vivendo, igual a todos.

Igual...

E a gente reconheça. Vai indo, vai indo. De cabeça baixa. A vida é de cabeça baixa...

ARREPENDIMENTO

Seu Caleia era gago e inventor do "Óleo de Capivara — poderoso fortificante". Tinha uma farmácia na rua Voluntários da Pátria, perto lá de casa.

Quando eu passava pela farmácia e via o dono na porta, tirava o meu gorro com o maior respeito, só para ouvir seu Caleia gaguejar:

— Como vais... Mo... Mo... Mo...

Até ele concluir: — Mo... relinch? — eu ficava parado.

Depois, punha o gorro e seguia, sério.

Seu Caleia me achava um menino muito bem educado.

Mas eu gozava seu Caleia.

PRIMEIRO SALÁRIO

Com os meus dentes vieram dois fora do lugar, trepados na frente. O dentista disse que precisava arrancá-los.

— Não!

Meu pai prometeu, se eu deixasse, que me dava duas moedas de dois mil réis.

— Da mesma?

— Dou.

Então eu deixo.

Deixei e ganhei duas moedas de dois mil réis. O primeiro salário...

Desde aí, os dentes não me renderam mais nada.

PARADA

Mais triste do que ter saudade é não ter do que ter saudade...

MORTE DE GUILHERME

Guilherme e Fritz eram donos de uma papeleria em São Leopoldo. Todos os domingos, meu pai ia me buscar no colégio e, de volta, entrava na casa de negócio dos dois irmãos. Uma vez, não estava o Fritz. E vestido de preto.

— Que é isso? Esta de luto?

— Sim. O Guilherme...

— O Guilherme morreu?

— Verdadeiramente.

— Como?

— Terça-feira. Ficou muito palido, muito palido. Deu uma grito. Eu corri. Sentei ele naquela cadeira, perguntei: que tens? Respondeu: na pele, na pele. Eu disse: espere um pouco. Ful correndo chamar o doutor Kessler. Enton, o doutor Kessler veio. E enton o Guilherme morreu.

MARGEM

Há a palavra solidão. Não há o sentido dela.

DESTINO

E' um pássaro pousado, quieto, na ponta de um ramo. E de repente, abre as asas, se alira no espaço, vóa. E' outro passaro.

1908

Porto Alegre, em mim, é sempre uma cidade de noite. Eu sinto a minha vida quando as primeiras sombras chegavam. E a minha vida lá até a madrugada.

Todas as noites, uns rapazes se juntavam por mim na Praça da Caridade, em frente da Santa Casa, e ali se despediam, conversando, declamando, discutindo, pondo no ar irreverências e fanatismos. Todas as noites e todas as estações. Naquele tempo, as estações marcavam principalmente sentimentos literários: apesar do frio de julho e do calor de janeiro. Sóte rapazes. Carlos Azevedo, o nosso músico, Antonius, o nosso pintor, Francisco Barreto, o nosso crítico, Eduardo Guimaraens, Felipe de Oliveira, Homero Prates, eu, os nossos poetas. Cada um com o seu jeito. Nemhum influía em nenhum. Gabriele D'Annunzio influía em todos. Felipe sabia de cor "La Nave" inteira e imitava os homens dos romances da rosa. Homero envolvia as suas horas no ritmo do corpo da mulher fatal da "Gioconda", que, caminhando, desmanchava uma harmonia para criar uma harmonia nova. Eduardo escrevia as "Argolas" no molde dos poemas do homem divino. Antonius desenhava, nas mesas dos cafés e noutras mesas, a máscara sem cabelos e de cavanhaco do nosso Criador. Carlos só tocava Wagner porque D'Annunzio estava em Veneza quando Wagner morreu. O Chico expunha a idéia de um livro sobre o tea-

tro italiano, culminado na "Città Morta". Eu escondia uma paixão desvairada pela Sirenetta... "Ultima, che cantò per cantare, per cantare solamente, ebbe la sorte bella. Le sirene del mare la volser per sorella". Nenhum de nós tinha vinte anos. Clávia Della Guardia passara pela nossa juventude, com as mãos bonitas, a voz dolente e aquelas peças doidas... Voltavamos trazidos dos espetáculos. A grande revelação! Desde o sonho que ela nos deu, vinda de tantas cenas do mundo, ficamos interinos na realidade... A legenda gravada na placa coloenda no saguão do teatro São Pedro e oferecida por um discurso de Felipe, orientava a nossa exaltação:

"Cosa bella mortal passa, e non d'arte."

A província é a sensibilidade. Da província é que veem as ilusões, o encanto dos erros bons, os ingênuos projetos que nunca se executam...

Os sete rapazes se dispersaram. Um dia, a loucura destruiu o Antonius. Um dia, a morte carregou o Eduardo. E o Felipe, nunca mais velho da Europa...

PALAVRAS...

Palavras de hoje, que tem a docura das palavras de antigamente. Não pelo que dizem: — pelo que evocam...

VÍCIO

Como gostávamos das "frases"! Não sacrificávamos nenhum. A vida curou o vício. Mas, a marca ficou em nós, como fica a marca da mortina, da cocaina, do álcool, de qualquer veneno, nos que abusaram desses bombos. E' preciso uma fiscalização muito grande, um imenso cuidado, para esconder a marca. Marca da fabrica...

RAZÃO

Havia em Porto Alegre um mendigo noturno, parecidíssimo com Verlaine. Nós o encontrávamos sempre. Eu dava todo o meu dinheiro ao pobre Verlaine e lhe pedia que me perdesse. Uma vez, tinha chovido muito, tínhamos bebido muito, e, num canto de porta, o meu velho amigo tremia de frio. Tirei o sobretudo, agasalhei-o. E resoli sentar-me no meio fio da calçada. Despi o casaco forre o chão. Eduardo protestou:

— Oh! Alvaro! Você vai estragar o casaco!

Já sentado, resmunguei:

— Então você queria que eu estragasse as caixas?

ESTREIA NAS VITRINAS

O meu primeiro "livro", com o título "Degenerada", levou uma terrível decompostura de Osório Duque Estrada, que era o crítico literário do "Correio da Manhã". A decompostura principal assim:

"Num enorme caderno, amarrado com fitas roxas, e que mais

parece uma camisa de força"...

INFLUÊNCIAS

A minha geração teve muitas influências. Era de Queiroz, Machado de Assis, D'Annunzio, Nietzsche, Maeterlinck, os simbolistas em geral, principalmente os belgas, e até Dostoevski. Mas nenhum dos autores apreciados de 1911 a 1915 ganhou mais mestres do que eu. A maioria, eu só li depois de saber quem eram meus mestres. Entretanto, se disses os nomes de Antonio Nobre e Jules Laforgue, não posso, para não mentir, dizer outros. Também me puseram numa chama de escolas. Peri Meio, que se suicidou em 1913, garantiu que eu era da "escola patimônica". Outros, que nunca se suicidaram, garantiram que eu era da "escola simbolista". Ribeiro Couto me fechou, por uns tempos, na "escola penumbra". Em 1924, fui posto na "escola futurista". Graça Aranha declarava que eu pertencia à "escola modernista". Para Tristão de Athayde, em 1934, a minha escola era a "católica". Era, eu não podi matricular em nenhuma dessas escolas. Nem na "escola comunista", onde quisera me internar. Na verdade, eu sempre fui um grande gazetista. E disso o que explica a "minha escola" e o que deixo de mim...

QUE FAZER?

A felicidade andava solta pelo mundo. E nós andávamos juntos por onde a felicidade andava. Daí o céu até o aço mais inconcebíveis. Depois, já dispersados, soubermos da guerra de 1914 a 1918 e da Revolução Russa. Outras revoluções, de outras cores, foram alarmando e isolando a gente de todos os continentes. Veio a crise. A felicidade foi presa, posta incomunicável. Como o dia de Ano Bom nunca mais amanheceu bom, dia das que se seguiram, seguem e vão seguindo, tem o mesmo clima pesado, seja inverno, primavera, verão, outono, nascem flores ou caíce neve. Não vale a pena olhar para os lados. E' um perigo olhar para a frente. Consola olhar para dentro. Para dentro e para atrás. A saudade dá tudo que tivemos e perdemos. A imaginação desculpa toda a vida.

Considerações à margem de "Autores e Livros" - MUCIO LEÃO

Quando, a convite de Casiano Ricardo, aceitei a incumbência de organizar o suplemento literário de A MANHÃ, bem sabia que iria encontrar no caminho todas as incoerências, e quase todas as más vontades. Não me espantam, por isso — agora que o suplemento de A MANHÃ existe, e existe triunfante — que vão surgindo críticas pequenas em torno dele.

Uma dessas críticas (ao que me informam) censura *Autores e Livros* por tomar uma orientação pouco atual, dedicando grande parte de suas páginas a escritores mortos. Mas, por Deus, que programa poderia ser mais honesto e mais legítimo do que esse?

E essa facilmente organiza-se em suplemento literário um ponto ao Deus dará, como tantos são organizados. O repórter, encarregado deste insignificante serviço, dirige-se a quatro ou cinco ou dez sujeitos, que gostam de gastar o tempo escrevendo coisas de literatura, e lhes encenada artigos, contos e poesias. Todo o mundo, no Brasil, é mais ou menos literato. E é raro, raríssimo, haver quem receba um conste desses e resista. Acontece, alegria, que, como toda a gente sabe, cada redação é bombar-

deada, todos os dias, com dezenas de novas colaborações espontâneas (algumas até agressivas), que têm inúmeras vantagens e um único defeito. As vantagens não precisarei dizer quais sejam. O defeito é não valorem para nada. Mas os repórteres, encarregados do trabalho de organizar tais suplementos, não tem nada que olhar para o mérito literário das páginas que lhes chegam às mãos. A única coisa a considerar, é que elas são gratuitas e é que são em número tal que dão para encher as numerosas colunas disponíveis da folha... O resultado é este que vemos: os suplementos literários, no Brasil, com raras exceções, são a própria personificação do enfadonho...

Considero tudo isso, quando aceitei a tarefa de organizar o suplemento literário de A MANHÃ. E foi por essa razão que procurei trazer para o trabalho de que me encarregava um plano que queria acordar seja nova, ou pelo menos não seja vulgar.

E esse plano consiste apenas nisto: em evocar as grandes figurações do passado, dedicar-lhes o melhor do suplemento, fazê-las revisar, num momento, na memória, se possível na medição, dos leitores apressados de hoje.

Uma certa corrente de leitores desdenharia talvez do pas-

sado, acreditando que só o presente vale a pena de ser levado em consideração, nas colunas de um jornal. Tal não é o pensamento de *Autores e Livros*, infelizmente para as pessoas que pertencem àquela corrente. O pensamento de *Autores e Livros* é que existe uma sagrada continuidade na alma de cada povo; e que essa continuidade constitui a garantia essencial de perdurabilidade dos povos. Não é evidentemente respeitando qualquer sujeito do passado, só porque ele pertença ao passado, que iremos criar as páginas e grandes tradições de uma literatura e de uma pátria. Mas é veneranda no passado o que o passado teve de verdadeiramente digno de veneração, que vamos criar essas tradições. — São verdades primárias, que eu me empenho de anunciar. Mas é preciso dizê-las, porque, embora sejam primárias, há muita gente que as ignora.

Essa integração do Brasil de hoje com o Brasil de outrora, através da obra e do pensamento dos seus maiores escritores, é que constitui, em síntese, o programa de *Autores e Livros*. Temos, com o de hoje, publicado oito números do nosso suplemento, e já temos estudadas, na sua obra e no comentário dos seus mais ilustres intérpretes, oito figuras das

mais altas das nossas letras. Fagundes Varela, Eduardo Prado, Inglês de Souza, Raimundo Corrêa, França Júnior, Laurindo Rabelo, Machado de Assis e hoje Francisco de Castro, constituem o pequeno grupo, de cuja vida e de cuja obra *Autores e Livros* oferece aos leitores as expressões primordiais. Outras grandes figuras estão a aparecer. Teremos em breve, neste mês de outubro, Casimiro de Abreu, Artur Azevedo e o seu amigo e colaborador Moreira Sampaio, Araripe Júnior e Joaquim Serra. Teremos, no mês de novembro, Gonçalves Dias, Júlio Ribeiro, Lima Barreto, Francisco Julia, Jackson de Figueiredo, Marília de Dirceu, Lucio de Mendonça, Manuel de Almeida. O ano não se acabará, sem que tenhamos novas expressões de mais alta significação em nossa literatura, como um Tavares Bastos, um Alencar, um Raul Pompeia, ou um Olavo Bilac, tratados no suplemento.

O plano é vasto. E o que ele encerra é propriamente uma larga história da literatura brasileira, organizada com a contribuição dos críticos mais conspicuos do passado, e com a contribuição dos intérpretes mais capazes do presente.

Que plano mais consistente,

mais útil, poderia nortear um suplemento literário? A mim não me parece que haja nenhum.

Se um jornal deve procurar ter um programa de vida e ação, esse programa só poderá ser um: o de levar a cultura ao povo, o de oferecer modicamente às multidões aquilo que os livros não lhes vão levar, porque as multidões — coitadas — não podem adquirir os livros, sobre tudo numa época em que eles estão cada vez mais a preços proibitivos.

A finalidade precipua de *Autores e Livros* é, pois, constituir-se uma espécie de história literária, de difusão amplamente popular. Se há nessa aspiração uma tal ou qual cor de inutilidade, essa cor será compensada pela aquisição dos escritores novos, que em cada número estão aparecendo.

Se o programa ainda assim desagrada aos eternos insatisfeitos de todas as eras, (sejam eles panfletários terríveis ou não o sejam), culto, paciência.

Eu é que não me sinto com vocação nenhuma para Moisés — o profeta excelente que, com a magia de sua varinha poderosa, abria as pedras do Horeb e poderia abrir também certas caixas, mas duras ainda do que aquelas pedras...

Fonética e sintaxe na interpretação de textos -

SOUZA DA SILVEIRA

II
Outro fenômeno de fonética sintática: a absorção (digamos assim, por brevidade) a absorção do fonema representado por um a final, no fonema inicial da palavra seguinte.

Só darei exemplos de casos em que o fonema absorvente é i, i, e, e.

A cada momento observamos a absorção do fonema representado por um a final, no inicial do vocabulário seguinte, quando este é o pronome ou o enclítico ou o advérbio demonstrativo *este* ou a formas verbais terminadas em *-s*: *eu-i*, *vimos-i*, *nos-dissemos-i*, etc.

Fora dessas combinações por êncise, a língua culta atual não costuma fazer a absorção mencionada; mas a língua popular pode fazer, e disso nos é documento a frase "Vamo lá com Deus!", que se vê na página 124 da edição de 1901 do livro *Os meus amores* de Trindade Coelho.

O conhecimento desse fenômeno permite-nos ver na expressão "que busca lá?" que aparece num verso de Gil Vicente, na cena de *Todo o Mundo e Ninguém*, um equivalente de que busca lá?, segunda pessoa do singular, em que, na referida cena, está sendo feito o tratamento entre os interlocutores.

Do desaparecimento do fonema designado por a final, num e seguinte, encontramos bela exemplificação no verso de Gonçalves de Magalhães: "Má lá que sacudiste a espessa treva", que pertence à poesia A saudade de Filinto Elísio e que salvo o grito, aparsa tal qual ficou transcrita nas edições de 1899 e 1955 dos *Suspiros Poéticos e Saudades*. A expressão primitiva "má lá" está por "mas lá"; o fonema final de "mas" entendeu-se, na pronúncia, no inicial de "lá", e, por lapso, deixou de ser assinalado na escrita.

Do desaparecimento de fonema indicado por a final num e seguinte, a expressão *má rotas* por "máx rotas" nos dá excelente documentação, sobretudo

quando surge num escritor como Gca de Queiroz, de quem é o trecho abaixo:

"Se fosse outro, não digo, mas o Britão E rico, é um máx-rotas, cui logo..." — *O Primo Basílio*, 1908, página 362.

A absorção de s final num e imediato não é muito rara. No *Suspiros Poéticos e Saudades* a poesia O mistério traz, no verso 56, "A sanguiñosas bipenes", nas edições de 1896 e 1899, e, na de 1865, "A sangrentas bipenes". O a final do artigo as sucede no inicial dos vocábulos "sanguiñosas" e "sangrentas", e não pronunciado. Foi omitido na escrita, por inadvertência.

Assim, compreendemos que no *Poema del Cid* esteja, no verso 1670, "Alegre son las duas", por "Alegre son las duas fadas"; que no *Crisfal*, verso 484, se veja: "melhor sejam suas fadas" por "melhor sejam suas fadas"; e nas *Elégias* de Rodrigues Lobo, página 61 da edição do dr. José Tavares, se encontra:

onde todo sôlo está em lugar de todos sôlo.

Ainda um fenômeno de fonética sintática, digno de prender-nos a atenção: a absorção de um monossilabo vocalico na vogal em que termina a palavra anterior, quando esta vogal é igual à que constitui o monossilabo.

Epifânio Dias, na sua edição das obras de Cristóvão Falcão, cita, entre outras, exemplificações: *quente sequa*, que devemos ler "quente e sequa". O e que consilistiu a conjugação, ou, na pronúncia, aborrvida pelo e final de *quente*, e não apareceu na escrita.

Pois bem: o conhecimento desse fenômeno fonético habita-nos a interpretar de modo satístórico o sentido do verso "Quando vos primeira vistes", dessa linda cantiga que aparece na *Elégia Crisfal*:

Não sei para que vos queria, — pois que d'altos não servia — olhos, a que eu tanto quis

Para ver me lentes dados, voi só a clavar vos dentes; e se eu tento cuidados, meus olhos vao nos fleches, des que neles me passo, de descanso me foge, alhos, a quem eu tanto quis

Meus olhos, por muitas vnas usas comigo cresceram: temido as minhas tristezas, peras vossas alegrias, e as tuas malas, entram dia, alhos, nunca me dormi, olhos, a quem eu tanto quis

Meus olhos, por muitas vnas usas comigo cresceram: temido as minhas tristezas, peras vossas alegrias, e as tuas malas, entram dia, alhos, nunca me dormi, olhos, a quem eu tanto quis

Ando-vos a vós buscando casas que vos dem prazer, vás, quanto podeis ver fadas que em infantil domundo: agora, vovos-vou cantando, vós a minha chorando me fiz, alhos, a que eu tanto quis?

Na minha edição do *Crisfal*, dada a lume em 1933, assim il o verso 18 da cantiga:

"Quando o vós primeiro vi-tes".

Admiti que, graças ao fenômeno de fonética sintática de que estamos tratando, o vocábulo "quando" estivesse por "quando o", e acho que o sentido ficava perfeito.

A moça que estava cantando, increpava os seus olhos porque foram eles que lhe fizeram todos os cuidados que ela tinha.

Os olhos, quando pela primeira vez viram o rapaz de quem ela se enamorou (verso 18: Quando o vós primeiro vi-tes), bem sabiam que isso lhe havia de resultar em mal; mas, para gozar de que viam, consentiram num dano delito.

E assim enquanto ela andava buscando coisas que dessem prazer aos seus olhos, estes lhe convertiam em tristeza, tudo quanto podiam ver, pois, não vendo ao namorado, nada do que viam poderia trazer alegria a ela, e sim só tristeza.

A construção "quando o vos primeiros vistes", com intercalação de algumas palavras entre o pronome e o verbo a que ele serve de objeto, é comum nos autores quinhentistas, e tem

perfeito paralelo no verso 471 do próprio *Crisfal*:

"Quando a eu assi envi" Doer-se de minha pena"

De certo, e assim, suspirios e aí, Poi a que tirei De ver olhos tais.

Epifânio Dias entende assim

o verso 18: Quando vós pela primeira vez exercitastes a façanha de ver. Mas tal interpretação não me parece muito boa.

Ouso pensar que fui mais feliz do que Epifânio.

E folhas aquardar E non "oô può charchar" E modoro d'amor.

E folhas atender E non "oô può dezer" E moltra-me d'amor.

E non "oô arche I" O que por meu mal vit E moltra-me d'amor.

Reparem no verso: "O que por meu mal vit", em que a moça alude ao rapaz que ela víra por seu mal.

E, em outras palavras, a mesma queixa exalada nos versos 18-19 da cantiga do *Crisfal*:

Quando o vós primeiros vistes, Que não me era bom saber.

E essa queixa se repete no correr dos séculos.

Nos trovadores:

Sonor frossos, por meu mal Vit Vos viro estes olhos meus.

E a que eu querer melhor va mi E a que eu por meu mal comec, E mil-a tensa for primeiros vit.

Em autor quinhentista, talvez Bernardim Ribeiro:

Brancos meus olhos doldoram, E que por mal e sej bem.

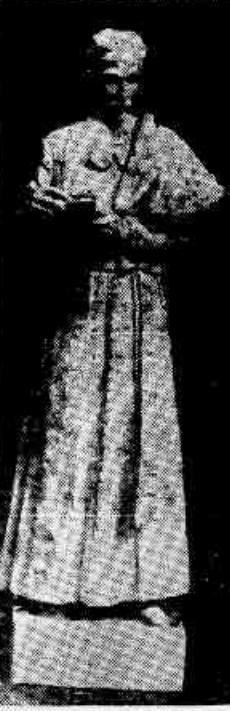
E alem tempo repousaram,

Já nem tanto repousaram.

E ainda em João de Deus:

Vos flos em mim

Tais olhos, jamais



Estátua de Francisco de Castro
no Rio de Janeiro

Uma questão de mitologia nas "Cartas Chilenas" -

II

1 — Joaquim Ribeiro, que vem continuando, com merecimento e brilho próprio, uma das mais famosas tradições das nossas letras, apresentou nestas colunas, a 21 de setembro, as razões por que o não convenceu a minha demonstração, aqui publicada a 31 de agosto, de estar certa a nota do editor literário das *Castas Chilenas* (1940) sobre o nome *Tetis*, no quinto verso da Carta 11^a.

A costumada e invejável clareza da sua exposição mostrou-me, à primeira leitura, que, se não tive a ventura de convencê-lo, foi isto devido a um lapso de atenção, ou de memória, e a um engano de apreciação por parte do ilustre polígrafo.

E como estou certo de que ambos pertencemos à estrípe dos que sandam e festejam a verdade, tão logo a conseguem avistar e discernir, volto a examinar, sine ira et studio, o ponto de nossa divergência.

2 — Parece que Joaquim Ribeiro não terá demorado a sua atenção na circunstância, que deixei assinalada, de que, nos dois manuscritos pelos quais la fazia a edição, Afonso Arinos encontrava o nome *Thetis*, e não *Tethys*, tal qual se vê, também, na edição das *Castas* de 1883, página 180. Ora, *Thetis* é o nome da nereida, mãe de Aquiles e Tethys é da esposa do Oceano, mãe das Oceanides e ave da primeira.

O editor não podia ler o nome de uma, e dizer que se tratava da outra. Disse, por isto, e muito diretamente, que se tratava de *Thetis*, cujo nome tinha sob os olhos. E a informação ao leitor era, realmente, necessária, porque a grafia oficial tornou homógrafos os dois nomes, que eram apenas homônimos.

Nem havia motivo para corrigir o editor a clara indicação da grafia, porque a sinônima *Thetis-mar*, isto é, chamar-se o mar com o nome da Nereida (*Thetis*) estava dentro da tradição literária, desde os latinos.

O nome estava escrito *Thetis*, para significar o mar. E este nome *Thetis*, que é o da Nereida, usado pelos poetas romanos, para esse efeito, continuou no mesmo uso entre os maiores poetas franceses, portugueses e brasileiros, como — penso — deixei assentado em meu primeiro estudo. Em vista de tais circunstâncias, que escaparam à atenção ou à memória do ilustre crítico, parece-me inadmissível qualificar-se de errada a nota do editor literário.

3 — O segundo motivo de não ter Joaquim Ribeiro reconhecido a procedência de minhas conclusões se encontra num engano de apreciação que se manifesta nas seguintes frases do seu excelente artigo:

"Afonso Pena Junior diz que o poeta das *Castas Chilenas* empregou *Thetis* (nereida) co-

mo sinônimo de mar por um troço muito comum nos poetas latinos: a metonímia."

Ora que abandono o significado direto de *Tethys* (deusa do mar), pelo significado figura do de *Thetis* (nereida)? *Tethys*, deusa do mar é que o verdadeiro significado mitológico do mar. *Thetis*, nereida, ao contrário, é entidade de marinha e só por força de metonímia é que pode ser usada como mar".

O fato geral e lógico é que *Tethys* (deusa do mar) representa o mar, ao passo que *Thetis* (nereida) só, especialmente, por metonímia, foi usado, por alguns poetas, como sinônimo de mar. Essa é que é a colocação do problema.

O engano, a meu ver, está em supor que uma das deusas significa por si, diretamente, o mar, ao passo que a outra só por translação de sentido teria tal significado: quando a verdade é que, tanto num, como noutra caso, a idéia de mar resulta de uma metáfora, e é sempre figuradamente que se traduz a palavra mar pelo nome de qualquer das deusidades marinhas.

No verbo *Tethys*, assim como no verbo *Thetis*, a ação do Dicionário de Freud-Doell-Hellé é só uma: "Metaphoriquement, comme nom appellatif, la mer". E é só um, nos dois verbetes, a lição de Forcellini: "Metonomice ponitur pro mari".

Nem outra cousa se tira da propria lição de Brewer, que fiquei conhecendo na citação de Joaquim Ribeiro; pois quando nos diz, sobre o nome *Tethys*, que "in poetry it means the sea generally" ("em poesia, significa o mar em geral, ou o mar na sua generalidade"), não da mais está dizendo senão que, nos domínios dos tropos, fantasias e imagens (que isto é poesia), o nome tem este sentido translato. E o mesmo se lhe na "Britântica", como já vimos, a propósito do outro nome *Thetis*:

"*Thetis* is used by Latin poets simply for the sea".

4 — A repetida contraposição dos qualificativos "deusa do mar", com relação a *Tethys*, e "nereida", "ninha marinha", "entidade marinha", com relação a *Thetis*, parece indicar no ilustre crítico alguma restrição quanto à divindade da última ou, pelo menos, a intenção de assinalar a supremacia da ave sobre a neta. Ora, o caráter divino das Nereidas (sobre todo de *Thetis*, Anfítrite, Galatéia) se demonstra com um nunca acabar de textos gregos e latinos; e, qualquer que tenha sido na religião pagã, a superioridade hierárquica de *Thetis* (se é que alguma teve), o certo é que, na arte, a maior expressão coube sempre a *Thetis*, Anfítrite, Galatéia, e outras deusas mar, e, depois, os poetas latinos e, a exemplo destes, os franceses e portugueses usaram seu nome como sinônimo de mar. O Freund define:

"Amphitrite — femme de Neptune, déesse de la mer — la est appellativement la mer: Nec brachia longo/Margine terarum porrexerat Amphitrite/Ovid. Met. I, 14) Illa rudem cursum prima imbuit Amphitrite (Catal. 64, II).

O Litré, sem discrepância:

"Amphitrite — Terme de mythologie. Déesse de la mer,

et, poétiquement, la mer elle-même".

E cita La Fontaine (Fab. X, 2), que se chama "un volant

radores do "Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines" (O. Navarre, verbo "Néréides"):

"Come leur père, les Néréides sont des divinités bienfaisantes et sécurables".

"Dans l'art comme dans la légende, les Néréides se présentent la plupart du temps en troupe.

Bien de plus naturel, si on se rappelle qu'elles personifient la multitude des vagues marines".

Entre toutes ses sœurs, *Thetis*, qui devient l'épouse de Péle, est la plus belle et la plus célèbre".

"Le culte des Néréides était répandu tout le long des côtes de la Méditerranée".

5 — O mar do paganismo, como a terra e o céu do paganismo, formigava de divindades.

Assim o canta a bela estância do Camões (Lus. VI, 8):

"No mais interno fundo das cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

profundas cavernas altas, onde o mar se lesconde, lá donde as ondas saem furibundas,

CULTURA FILOSÓFICA

A propósito da Faculdade de Filosofia da Bahia, iniciativa do secretário da Educação do Estado.

Faz vinte anos, no Congresso Nacional, na qualidade de membro da Comissão de Instrução da Câmara dos Deputados, tive para relatar um projeto de lei que concedia certos favores e regalias à Faculdade de Filosofia e Letras, em que se havia transformado a Academia de Altos Estudos fundada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A iniciativa era das mais simpáticas e sobretudo oportuna, fosse qual fosse a sorte do projeto. Suprindo uma lacuna persistente nas organizações do ensino público do país, criava o curso de escola normal superior, destinado a preparar docentes para os ginásios e as escolas normais elementares. Mantinha um curso de ciências políticas e sociais, e um terceiro, de três anos, cujo programa compreendia, além de outras disciplinas, as seguintes: história da língua portuguesa, filologia comparada, literaturas clássicas e modernas, estética e história da arte, história das religiões, psicologia, filosofia geral e história da filosofia.

A Faculdade de Filosofia e Letras não obteve da câmara as medidas de que necessitava para suportar a concorrência das escolas oficiais. Desapareceu, mas deixou no conjunto dos seus programas um paraíso de elevada cultura para o Brasil de então a guerra, num mundo em que a literatura esoterica, restando contra o passado em nome de uma nova conceição realista do ensino tinha surpreendido até o bacheado em lettras do colégio Pedro II.

A reação, como ordinariamente acontece, fora longe de mais.

Na Alemanha, donde costumávamos lá buscar sucessões para o nosso regime educativo, haviam adotado tipos modernos de miríades e escolas reais, onde o ensino, de muito livre e ilustrado que era, se tornara científico e técnico em proporção correspondente às necessidades da burguesia industrial e comerciante. A Alemanha sobre bem normas assumiu procedida. No Brasil entendeu-se que uma coisa excluía a outra. E cônimos em cheio num extremismo extremado.

Oportunidade ainda é neste momento. (porque a história se renova) a expansão dessa cultura, humanista e filosófica, sem diplomas, sem perspectiva de proveitos materiais imediatos, mas altamente comensurável tão necessária à vida do povo como o ar que respiramos.

Sua oportunidade avalia-se pela gravidade da situação mundial. Hoje, como a partir de 1918, quando finou a guerra europeia, a conveniência de reerguer o nível mental e moral dos novos, sem lhes tolher o idealismo, constitui para as "élites" nacionais um dever primordial, ao lado das tarefas de recuperação econômica.

Nas épocas mais sombrias da história, em que a força despedida tenta avassalar o mundo e sobre as suas ruínas construir um mundo sem alma: quando o homem se sente de caldo de sua dignidade de ser pensante, consciente e livre, previsivelmente nestas épocas a educação, num sentido mais profundo e humano, se impõe universalmente. Isto ocorre porque entre os imensos prejuízos causados pela tremenda calamidade, o mais considerável não é os bens temporais, mas os valores espirituais. Urge, então, renascer, por uma educação apropriada, os danos sofridos pela sociedade, em seu patrimônio de crenças, convicções e princípios.

A guerra embriagou de novo uma nação labiosa e culta, mas desastradamente sujeita a

execravel tirania. A vida humana ficou sem preço. O ordenamento moral subverteu-se. O fulmo das batalhas obscureceu as conciências. Decepção, pereira, catastrofe, descrente e desprendida de tudo o que não interessasse às necessidades mais elementares e à própria conservação, a alma dos povos, em todas as regiões da terra, deixou-se invadir por um materialismo rude, negação dos mais nobres ideais. O homem vacila, dividindo-se, si, de seu destino, de sua própria hierarquia, escaia da criação. E interrogar-se: — A inteligência será um sinal de eleição ou apenas fará mais apurado e util o que nos animais? O senso moral será privilégio de nossa espécie? Onde está a decantada nobreza nativa do homem?

A essa, interrogações acedeu uma falsa filosofia, adrede pressada, conceituando: — Não falemos no homem. Não há o homem; o que há são "os homens..."

Os filósofos dessa escola são devedores remissos, que pretendem haver liquidado suas obrigações com a humanidade. Por este mundo, raciocinam eles, vivem criaturas muito diferentes de nós, cuja evolução, atraída, as retém mais próximas da animalidade do que das raças humanas. Esses antropólogos, ou que mais própria classificação merecam, permitem-se fantasia de contrariar os nossos interesses, e querem gorar os mesmos direitos que nós. Evidentemente pertencem a outra espécie. Se os extinguirmos não poderão culpar de fracasso...

A essa cruel filosofia, de pretenso filiação científica, mas ao certo anti-humana, oponhamos a outra, não serva, mas senhora da política e pioneira da ciência: a filosofia do espírito, de qual deduzimos o dever de solidariedade com os nossos semelhantes.

Ressalta aqui o erro dos que entendem que a ciência abrange a vida em todos os seus aspectos e atividades, inclusive a conduta a ser regulada pela moral científica.

Em si mesma, ela foi sempre inapta para fundamentar qualquer sistema de moral. Fundava talvez o militarismo. Tem, apesar disso, os seus misticos, os seus eretitos infalibilistas, como religião revelada pelos sábios. E foi por todos instituída legislatura universal da filosofia morta. (V. o autor — *Dos Filósofos Brasileiros — Letras Acadêmicas*).

Confirmando a suposta moralidade da ciência, um país de vasta cultura científica assombra atualmente o mundo com exemplos de egoísmo alem de toda a medida e atrocidades autenticamente selvagens.

O domínio da ciência é a natureza e a verdade o seu objeto. A virtude não é planta originária desse clima, ainda que nele possa florescer e produzir frutos ótimos.

Em seus ensaios filosóficos, resumidos por um professor da Faculdade de Letras de Toulouse, Stuart Mill repudiou todo o fundamento naturalista da moral humana. A vida moral, longe de ser uma reprodução ou imitação das leis naturais, é, a seu juizo, o esforço continuado com que nos subtraímos ao império dessas leis e conquistamos a virtude. Assim o cremos, não obstante admitirmos também o homem primitivo, tendências contrárias ao mal ou bondade inata. Os bons instintos, porém, serão melhores e inspirarão maior confiança, remoldados pelo educador e convertidos em hábitos.

O livro de natureza é omisso em relação ao que chamamos deveres. Viver para si e não para outrem, é uma das lições mais corinhas que nos dão a ler as suas páginas. A noção do dever nasceu com a consciência e fortaleceu-se pela educação. A chamada voz do sangue re-

XAVIER MARQUES
(Da Academia Brasileira)

diz-se a silêncio contemporâneo: em presença de certos apetites bestiais, que a nossa ingenuidade classifica de falhas "contra" a natureza. Serão crimes, de fato, mas contra a "segunda" natureza formada no ambiente da civilização.

Nem boa nem má, a natureza procede com perfeita indiferença, estranha às sentenças dos seus julgues.

Ganhando em inteligência o que perde em instinto, o homem culto já representa uma vitória assinalável sobre a "brutalidade das coisas". Mas a vitória completa é a que lhe interessa, a demais do mundo exterior, o domínio da própria consciência. E o homem ciente e consciente. A cultura levada a este címo ou a esta profundidade, de possibilidade o florescimento da virtude no terreno primitivamente adjudicado às uras.

Há, portanto, mais o que assassinhar e aprender, além da biologia, cujos limites são bem conhecidos, das leis da física, da química e suas aplicações industriais, da mineralogia e dos preciosos minérios, que acendem a guerra na superfície do planeta.

Não bastam, é claro, os conhecimentos positivos para que o cérebro de uma nação, por suas classes dirigentes, se considere fantasia de contrariar os nossos interesses, e querem gorar os mesmos direitos que nós. Evidentemente pertencem a outra espécie. Se os extinguirmos não poderão culpar de fracasso...

Conhecer-se a si mesmo, — é o grave problema que vêm preocupando, há milênios, gerações de pensadores.

As maravilhas da ciência reclamam a sabedoria do filósofo, afim de que não degenerem nas mãos dos homens, em potencial, tirania, soberba, ateísmo e outros males inventados pelo orgulho e a maldade instruída. A humanidade pagar assim muito caro os segredos arrancados à natureza. Em confronto com a sapiência dos maus, vale a ignorância das grandes massas humanas disciplinadas pela moral cristã, que não as desampara, e da qual se socorem os próprios sábios e filósofos desiludidos da razão.

Chegamos finalmente às seguintes conclusões:

— A filosofia especulativa condensada em certo número de conceitos sobre o universo, vida e sua finalidade, é o pensamento humano pairando nas altas esferas, de onde domina as várias ordens de fenômenos em que se fraciona a unidade do cosmos, isto é, as ciências.

— A filosofia social ou prática, tendo em vista esses conceitos, é o pensamento concretizado em normas de ação, especialmente relativas à conduta do homem para com os semelhantes e para consigo mesmo.

— A cultura filosófica, é, pois, e deve ser, escoamento necessário da cultura científica.

"A Paixão de Jesus"

Em nosso suplemento passado, as datas de publicação e republishação, no "Jornal do Comércio", do artigo de Machado de Assis que tem o título supra, saíram erradas, como pode ver quem apenas olhou aquele trabalho. "A Paixão de Jesus" foi publicada naquela folha, como editorial, em 1 de abril de 1904, e foi republicada, acompanhada de uma nota em que a sua autoria era restabelecida, na edição de 21 de junho de 1939, por ocasião das comemorações do centenário do grande escritor.

A vida e a obra de Fagundes Varela

PAULINO NETO

(Da Academia Fluminense de Letras)

V ADEOLESCENCIA DO PORTA

Mas voltemos ao fio interrompido da nossa história. De volta de Catalão, Varela vem mudado. Na velha fazenda de seus avós todos o perceberam: partira eranha brincalhona e desordiada, mas a longa viagem, a ausência das casas de rotula, de sobradinhos raros, pelas vielas escurias da antigua São Paulo das estudantis das e das serenatas, em enxame invadindo o "Baturá", o teatrinho da rua da Cruz Preta, ou comando boles na váranda da "Maria Punga", ovacionando a Minervina e o Portado, o Moura e a Eugénia Câmara, no velho casarão intitulado do Teatro São José, ou então pelas lassas, cantando modinhas, com o "Mota" bêbado ou com o frascário de "Padre Bacalhau". Vereis então, no meio da revolta romântica dos moços, pelas arcadas e pelas ruas, peões teatros e pelas tabernas, ou então, sózinho e triste, sonhando, bebendo e poetando sem destino, pelas longas estradas poirenhas, que vão para Tietê ou Sorocaba, para Itú ou Pirapóra. E rela, então, o homem no ambiente em que se fez — e perdeu-se, por sinal — o poeta, no cenário, na paisagem humana, onde escreveram os primeiros versos que chegaram até nós e criaram-lhe, ainda em vida, a auréola de poesia, de harmonia e de sofrimento, que des de logo, lhe envolveu nome, Poderíamos nesta altura deixá-lo, para estudarmos, então, eclosões, as fases sucessivas e o período final do romantismo no Brasil. Repetiríamos aqui o que todos vocês sabem: empresa inutil e fastidiosa. Basta lembrar, para não nos desviamos muito do objeto que nos reune esta noite, que o nosso poeta adolescente encontrou ainda o meio acadêmico paulista em pleno romantismo, que atravessava então, a fase chamada por Silvio Romero, do litísmo específico, cujos representantes típicos foram Pedro Luiz e Varela.

Era um romantismo de brasileiros, excessivo, ardente, rastreado por trés sangues vários de gente sensual e voluptuosa, romantismo em que errava tudo a tristeza

"Dos desertos, das matas e do oceano: Bárbara porocé, banjo africano E soluções de trovas portuguesas"

romantismo exótico de Byron, cultivado na estufa calida dos trópicos, romantismo "samba e jongo, chiba e fado", feito de nostalgias, de saudades e de banzo, "flor amorosa de trés rachas tristes"

Byron, era, então, o grande modelo, o nome tutelar dos românticos que se formaram, diagramados na escola paulista do romantismo, onde prepondeou, até o fim, a tradição orientadora de Alvaro de Azevedo. Dizemos escola paulista do romantismo para marcar a diferença existente entre as literaturas cuja formação se processou no sul, tendo S. Paulo como centro e aquele outro grupo, igualmente brilhante e vivo, da que poderíamos chamar escola do Recife, cujo padroeiro era Hugo, o olímpico, cujo estilo era condoreiro, cujas fluidezes mais altas foram, por certo, Tobias e Castro Alves.

A fantasia de Byron, cuja hereditariamente carregadamente mórbida foi talvez o condimento que realçou o sabor da obra genial do autor de "Child Harold", coda através da sensibilidade tensa e doentia de ALVARES DE AZEVEDO, criaria um clima de desgraça convencional, um ambiente onde o tom era a tristeza. Era-se, então, "infeliz por imitação" disse alguém "chorador por sistema" e Carlos Pinto, escrevendo

(Continua na página seguinte)

A Vida e a Obra de Fagundes Varela

(Continuação da página anterior)
 Vendo a vida de Fagundes Varela aponta com uma fina agudeza de observação o mal daquela gente, que vivia bironicamente, que imitava Byron e repetia Byron, de boa-fé, as mais das vezes, quando observa que por ali imperava uma espécie de bovarismo da desgraça... Bovarismo "avant la lettre" dirão, porque a expressão só muito mais tarde foi criada por Jules de Gaultier. Não; se a expressão é relativamente nova, o fenômeno que ela traduz deve ser velho como a humanidade; já existia, pois, muito antes, mesmo, da pobre *Emma Bovary*, tanto que foi desse mal que ela morreu. Esta "Refaillance de la personnalité", na expressão do próprio e sutil Gaultier é, afinal, o poder estranho, que, tantas vezes, — infinitamente mais do que se pensa — na partilha de dons que a natureza faz às cegas entre os homens, toca a alguns de se conceberem diversos de si mesmos, diferentes do que são. Os psiquiatras ao que parece, chamam ao fenômeno perturbações da ideia de personalidade. E o mal de tudo isso está, precisamente em que Mme. Bovary nunca chegou a ser uma grande dama, nem uma "grande amórosa", em que nenhum de quantos sofreram desse mal singular desde os mais remotos tempos até os que hoje, no palco da Europa, comandam o massacre do mundo, conseguem atingir o modelo escolhido e empregar a personalidade estranha que ambicionam, engastar, vestir no seu próprio eu o eu alheio, como se engasta a gema no adereço, como se veste a luva que para a mão foi feita. Há, no entanto, bovarismo individual e bovarismo coletivo, bovarismo dos homens e bovarismo das massas; há o bovarismo de sentimento e o bovarismo intelectual, artístico, científico e literário. Há o bovarismo de Mr. Homais, e de Pellerin, de Emma e de Moreau e nenhum desses heróis de Flaubert — que foi o analista por excelência desse estranho desvio da personalidade, — nenhum deles se aproximou sequer do tipo bovaristicamente idealizado, — real e constante — a sensação do ser que não se realiza, a tortura do gênio inconfundíveis. O grande desvio feito, a angústia de quem está sempre, de constantemente mudar e não chegar, o que deve ser e não é.

E é quanto basta para que aquela, que duas forças traem em direções diversas — a da personalidade padrão e a da personalidade real — todo equilíbrio se altere, toda a harmonia se rompe e um estado invencível e obsessante da dúvida, de insatisfação e irritabilidade induza o indivíduo à evasão de si mesmo, à fuga do. E dai a inquietação, o sempre a esperar o que deva dar.

Olhem Varela, peregrino, de bordão na mão, fugindo de si mesmo, vagabundeando sem destino nas estradas! Olhem Varela, pelas tacazas, se evadindo de si próprio na facil evasão da embriaguez!

O bovarismo em Varela revestiu-se entretanto de uma forma muito mais grave do que em muitos daqueles outros românticos de sua grande escola e de sua época. E' que não foi apenas ilerário; foi sentimental, também e principalmente.

Varela buscou o amor, o grande amor apaixonado — o amor de seus protótipos românticos — sem té-lo jamais encontrado. Pode ser, por certo, acusado de bovarismo literário, mas esse não lhe desviou a personalidade, de tal modo que lhe falseasse o próprio gênio em notas dissonantes.

(Continua na página 144)

"Concioncine do Ausente".

À Casimiro Illecowicks



Eu estava brincando, caiu uma bomba e não vi mais nada.

Depois, acordei: só fogo e fumaça. Gritei longamente

Chamando mamãe. A pobre não vinha. Sabeis porque.

Ninguém me acudia. Era eu a correr pela casa incendiada,

Logo no dia dos meus anos! Que pena! Tanto presente

Que eu tinha ganho! Agora, aqui estou. Sabeis porque.

De papai não ouvi mais nada. Talvez que ainda ande

Com outros soldados, lutando a cavalo, nos bosques, sem medo

De coisa nenhuma. Lutando com raiva. Sabeis porque.

Bem que eu quisera ir ter com ele, se fosse grande,

Pegar numa espada — mas de verdade, não de brinquedo —

Pegar numa espada, sabeis contra quem e sabeis porque.

RIBEIRO COUTO
 (DA ACADEMIA BRASILEIRA)

Galeria de nomes ilustres



Augusto Meyer
— é o escritor AUGUSTO MEYER, que está de partida para Cuba, onde vai representar o Brasil na reunião do Comitê de Cooperação Intelectual.

SEM QUE NEM PORQUE — Augusto Meyer
(Do "CADERNO AZUL")

São as almas do outro mundo que agitam os meus nervos nesta noite chuvosa em Botafogo. Fazem perguntas de comadre enlouca, sem que nem por que, e nem se importam com a lógica das minhas respostas. Vagamente, mastigam reclamações entre as gengivas gordas. E não obstante, quem não o obscurece autor destas litanias, que escreve torto por linhas tortas, tem o humano direito de perguntar?

Quem e onde e como e por que?

Vejamos a páginas tantas do livro do verbo uma resposta sem perguntas ou uma pergunta que responde a uma resposta sem perguntas.

Interrogativa?

As árvores da praça, o vento e a chuva enlouqueceram todas as vozes do dicionário num susurro prolongado e confuso, anterior a qualquer sintaxe.

Na vidraga noturna, escreverá com as pobres palavras embotadas o derradeiro telegrama sem resposta.

LA'

Foi na praça do paraíso, um dia.

As crianças brincavam de roda. O riso andava no ar, andorinha. Entre os canteiros verdes, vagalhuns manayam o sétimo sono à sombra maternal dos guarda-sóis. Havia um cordinho de mão, para especial di-

vertimento dos profetas arrependidos. E um enorme cartaz proibia a saída.

A mesa estava posta, o vinho servido.

As janelas do hospital, espiando entre as folhas, refletiam o sol das outras tardes, sempre iguais, e um grito mais agudo subiu para o azul, como a pantera do morro.

As ilusões do futuro miravam-se a beira do lago, sem turvar o calmo espelho com o sangue das feridas. Largava-se o nome à entrada, como um trapo.

Foi lá que eu deixei enterrado o segredo das horas que voltam de mistura com a angústia, o frio, o impossível de tudo.

ALFA E BETA

Depois de engulir o quadrágésimo quinto e último volume da encyclopédia, o poeta recobrou a inocência animal. Broaram-lhe asas no entendimento, pois, segundo os preceitos da dourada ignorância, consegueia então a ciência dos anjos.

E verdade que, a essa altura do absurdo, se bem fosse uma conquista, de nada lhe servia: não sendo consciente, apenas pudera formular-se para gaudio alheio, mais ou menos como Alfa e Beta do Centauro, por exemplo, soberbas estrelas que brilham tanto, mas cujo fulgor cego só serve para encerar os olhos dos outros.

DIGNIDADE

Queridos mortos, desceis desas molduras solenes, mostrai vossos dentes, peçai novos pecados, caminhai, caminhai! Assim não podemos entender-nos. Eu vão concentrar sobre vós todo o poder do meu silêncio, mordendo a língua para não insultar vosso mistério tão doce.

Fizei de conta que hoje é feriado nesse país absurdo onde morais, só o mau gosto cru dos marmores, considerai que um grão de humour jamais perturbara a vossa imaculável dignidade.

O POÇO

Romores da rua, como um último reflexo no fundo de uma gruta. Silêncio dentro do poço em que vivemos inconscientemente latindo nas paredes do peito, para escutar as pancadas da pulsação.

Algum falou?

As nuvens, as folhas, os ventos não são deste mundo. Aqui não há mais telefones automáticos, nem presença de espíritos, nem o consolo de pensar: mais um dia que passou.

Podes arranhar a pele com as tuas unhas, morder a corrente, puxar com toda a força o fio da tua vida, cantar o hino dos mortos, tocar o tambor.

O VENTRILHO
As vezes a impressão penosa

do poeta arrancado subitamente à magia da página composta faz pensar na tristeza que invade o modelo, ao ver-se — não direi retratado — ao sentir-se desterrado no espelho dolorosamente que é o olhar infiel do pintor. Entre o retrato o mundo, há um muro invisível e intransponível, distâncias de solidão. Põe tinta, mais tinta, mais tinta. Falta apenas um não sei que — e é tudo.

Todas as febres cabem na palavra enquanto a ilusão não acorda. A poesia em ação é sempre cega, surda e muda e surda. Mas hasta um quase nulla para desmanchar essa estrada de nuvens em que o comedor de sonhos roucava a sua quimera.

E não obstante, insinua dentro em mim o alarido com paroxismo, arranjo numa jogala as angustias do tabuleiro, por isso mesmo, (o dedo espeta a evidência) por viver estando da cama, só o poeta sabe o que é despertar, só ele conhece realmente a realidade na sua total indiferença às deformações da fantasia e traz os olhos bem abertos diante da noite sentindo que envolve a nossa vida. Os outros... caminham na cegueira da luz e dormem e dormem no inferno, ruminando o seu positivo, que é também outra forma de caverna.

Do fundo das entradas sobe a voz do violoncelo, como um óleo de persuasão.

OLHEMOS OS OLHOS DAS CRIANÇAS

Olhemos os olhos das crianças que eles encerram mistérios; Dentro de suas pupilas moram selvagens bons, pairam neles os lendos das terras desconhecidas.
Olhemos os olhos das crianças; quando com elas cruzamos os nossos olhos ha reconhecimentos súbitos e reminiscências que revivem.
Que ausência de ouro e prata existe neles! Que verdes potros relincham em suas colinas! Que indiferença pelos orcos ricos!
Como se parecem com os olhos dos poetas!
Olhemos os olhos das crianças desprevenidas de crimes e borrascas, inconscientes entre o Bem e o Mal, sempre transparentes como a água e o mel.
Olhemos os olhos das crianças com seus horizontes claros, claros, capazes de deixar transparecer o avô curvado e frêmito, o pai de sobrecascada e a menina mãe.
Fitemos os olhos das crianças como quem fita um écran e vê se desenrolar lá dentro uma história familiar.
Olhemos os olhos das crianças para repousar nestes céus sem pensamento a angústia de procurar pátrias distantes e as constelações que já morreram.

JORGE DE LIMA

MISERERE NOBIS

Venham os ventos rugir nos corações e venham De novo as pulsações de febre e o olhar de morte. Curvo estarei, Senhor, sobre os caixões fechados...

Venham gritos de dor, venham os carinhos tristes E as promessas de paz inuteis, malogradas... Venham os sonhos de Eulália, que embriagou de amor a minha [adolescência...]

Tudo ficou outrora! De novo fere o rio o vôo das igaras, De novo cantam e riem humildes pescadores E os braços remain e afiram os corpos para a morte...

Já pensaste na morte? Ah! se a morte vier (Nossa Senhora!) [as noivas chorarão nos quartos das herdeiras.]

Se a noite estranha vier, de horco ficarão os velhos nos caminhos E os risos serão loucos e vermellas de dor as longas cabeleiras...

Deixem, por Deus, que eu fique. Há um padre a soluçar me [lisonhas ladainhas.]

— Santa Morte! ele diz. E o coro: — Ora pro nobis!

— Santa Loucura! grita. E o coro: — Ora pro nobis!

Senhor, só poderé dizer: — Miserere nobis!

Tantas vezes chorei de bruxos nas igrejas.

Tanto tembo pedido em náves, em conventos...

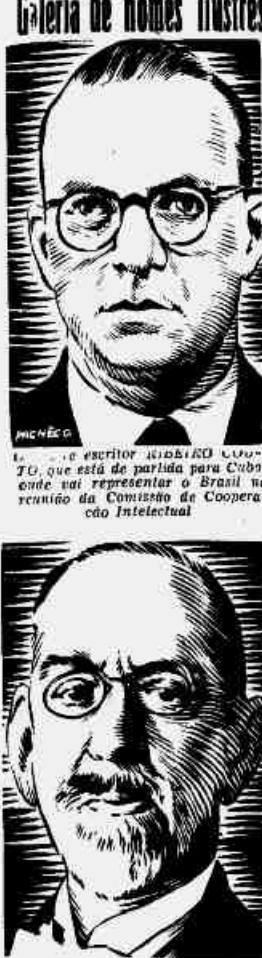
Correm depressa as portas. Fechem as janelas já. Que a dor [noturna não entre] Pelos jardins desertos as flores sofram. E a annada, A que esperei em vão, ficou adormecida. Entre os secos rosais e a terra dos canteiros.

Meus delírios, Senhor! Vejo a morte chegar num barco [negro] E onco o vento gemer, ferido no velame. Quero partir no mar em busca de algum porto, De algum ancoradouro onde esquecer as chagas...

Só posso soluçar, Senhor: — Miserere nobis!

(Belo Horizonte, 1941)

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO,



CARLOS DE LAET, jornalista e poeta temível glória da imprensa brasileira. No dia 3 de outubro passou a data de seu nascimento.



GRACIA ARANHA, grande romancista brasileira. Do laureado escritor foi levada, no Municipal, com extraordinário êxito, a ópera "Mazarate", com música de Lourenço Fernandes.



O maestro LOURENÇO FERNANDES, de quem foi levada no Municipal a ópera "Mazarate", que é a transposição para a música da famosa peça de Graciosa Aranha.

Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito. Não era um cara-sua ordinário, duma cor só, pequenino e mudo. Era um periquito grande, com manchas amarelas, andava torto, inchado, e fazia: "Eh! eh!"

Luciana recebeu-o, abriu muito os olhos espantados, entrhou que aquela maravilha viesse dos dedos curtos e nodosos de tio Severino, deu um grito seixagão, mistura de admiração e triunfo. Esqueceu os agradecimentos, meteu-se no corredor, ultrapassou a sala de jantar, chegou à cozinha, expôs a cozinheira e a Maria Julia as penas verdes e amarelas que enfeitavam uma vida tremula. A cozinheira não lhe prestou atenção, Maria Julia franziu os belos pálidos num sorriso desenxabido, Luciana desorientou-se batendo o pé, mas recorreu esticar o contentamento, desdenhou incompreensões, afastou-se com a ideia de batizar o animalzinho. Acomodou-o no furo-bolos e entrou a passar pele caça, contemplando-o, ciciando beijos, combinando siabas, tentando formar uma palavra sonora. Nada conseguindo, sentou-a à mesa de jantar, abriu um atlas. O periquito saltou-lhe de mão, escorregou na folha de papel, moveu-se desajeitado, percorreu lento vários países, transpôs rios e mares, deteve-se numa terra de cinco letras.

— Como se chama este lugar, Maria Julia?

Maria Julia veio da cozinha, sentou-se e decidiu:

— Minsk.

— Exquisito. Minsk.

— E'.

Não confiando na ciência da frim, Luciana pegou o livro, avizinhhou-se de mamãe, apontou o nome que negrejava na carta, junto aos pés do periquito:

— Leia isto aqui, mamãe.

— Minsk.

— Engraçado. Pois fica sendo Minsk, sim senhora. Caminhou muito e parou em Minsk. E' Minsk.

Nomeado o periquito, Luciana dedicou-se inteiramente a ele: mostrou-lhe os quartos, as avenidas, as árvores do quintal,

apresentou-o ao gato, recomendando-lhes que fossem amigos. Explicou miudamente que Minsk não era um rato e, portanto, não devia ser comido. Advertiu-se novamente miuda, quase uma ave, e tagarelava, dia-a dia, com complicações que lhe fervilhavam no interior, coisas a que de ordinário ninguém ligava imponenteza, repelidas com asperza. Mamãe saiu das trilhas sem motivo. A criada negra, rabineta, estupida, grunhia: "Hum! hum!" Maria Julia era aquela preguiça, aquela carne bamba, dessorada, e comportava-se direto em cima de revistas e bruxas de pano, triste. Papai sumia-se de manhã, voltava à noite, lila o jornal. E tio Severino, idoso, considerado, sentava-se na cadeira de braços e falava difícil. Nenhum desses viventes percebia as conversas de Luciana. Seu Adão carroceiro é que procurava decifrá-las, em vão: arredondava os bugalhos brancos, estirava o beijo grosso, coçava o píxim, desanimado. Por isso Luciana inventava interlocutores, fazia confidências às árvores do quintal e as paredes. Esse exercício, agradável durante minutos, acabava sempre fatigando-a. As sombras misturavam-se, esvaliam-se. Afinal despareceram, substituídas pelo periquito, colorido e ruivo, de espírito docil e compreensivo.

— Eh! eh!

Luciana estava no mundo da lua, monologando, imaginando casos românticos, viagens para lá da esquina, com figuras misteriosas que, às vezes, se uniam outras vezes se multiplicavam. A chegada de Minsk alterou os hábitos da garota, mas isto no começo passou despercebido e mamãe continuou a fiscalizar o ferroíno alto da porta, a afastar as cadeiras da janela, excelente para fugas. Pouco a pouco cessaram as precauções — e as amigas invisíveis de d. Henrique da Boa-Vista deixaram de visitá-la. D. Henrique da Boa-Vista era a personalidade que Luciana adorava quando se erguia nas pontas dos pés, a boca pintada, as unhas pintadas, bancando moça. Perdeu o costume de andar assim: ganhar cinco centímetros apoiando os calcaneiros nos tacões inexistentes de d. Henrique da Boa-Vista, esqueceu as escapadas, as aventuras na carroça de seu Adão.

— Eh! eh!

Antes de amanhecer estava na casa o grito agudo que aperreava mamãe. Uma ponta da coberta descia da cama da menina. O periquito se chegava banzeiro, arrastando os pés apalhados, segurava-se ao painel com as unhas e com o bico, subia. Os braços magros de Luciana curvavam-se sobre o peito chato, formavam um ninho. E os dois cochilavam um ligeiro sono doce.

— Luciana!

Agora Luciana se encolhia disposta às aventuras e à liberdade. Agitavam-no caprichos, confusas recordações do mato, batia as asas, alcançava a copa da mangueira, voava diante, passava algumas horas viajando pela vizinhança. Satisfeitos esses impetos de selvageria, regressava, pulava dos galhos, pisinhava no chão, dormeste e trópego. Se se demorava na pândega, Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero, até que ouvia duas notas estridentes, localizava o fugitivo, sala de casa como um redeminho, empurrava as portas, estabanava:

— Quero o meu periquito.

Entrava sem cerimônia, dava buscas, voltava triunfante, com o vagabundo no ombro. Virava o rosto, envia-lhe beijos. Minsk se equilibrava, arrançando-se à alça da camisa dela, metia a cabeça no cabelo revoltado, bleava delicadamente as orelhas e o couro cabeludo.

Ora Luciana, entonava, nunca vi os lugares onde pisei. Mexia-se nos repelões, deixava em pontas e arestas fragmentos de roupa e da pele. Tinha além disso o mau uso de andar com os olhos fechados e de costas. Sabia que essa maneira de locomover-se irritava as pessoas conhecidas, indivíduos ranzinhas, exigentes. Mas a tentação era forte. E se conseguia, de olhos fechados e de costas, atravessar o corredor e a sala de jantar, descer os degraus de cimento, chegar ao banheiro, considerava-se atingida e rejeitava as opiniões comuns. Ótimismo curto. Uma pisada em falso, um choque na mesa, um trombalhão, e o orgulho se desmanchava. Um calombo aparecia no queixo engrossava, justificava as impertinências caseras. Luciana baixava a crista, humilhada.

Necessário recomendar as experiências, até acertar.

— Eh! eh!

Antes de amanhecer estava na casa o grito agudo que aperreava mamãe. Uma ponta da coberta descia da cama da menina. O periquito se chegava banzeiro, arrastando os pés apalhados, segurava-se ao painel com as unhas e com o bico, subia. Os braços magros de Luciana curvavam-se sobre o peito chato, formavam um ninho. E os dois cochilavam um ligeiro sono doce.

do do dativo, aceitavam o acusativo com *in*, *erga*, *adper-*
titus erga se benevolunt (*Plaut.*), *iniqua in aliquem* (*Terr.*).

Alienus, alheio, e *diversus*, diverso, embora regessem dativo, podiam reger também ablativo:

alienus a dignitate nostra (*Cicer.*), *ad his longe diversas literas recti/uit* (*Salust.*).

Os adjetivos que indicavam inclinação, regiam acusativo com *ad* ou com *in*: *propensus ad misericordiam* (*Cicer.*), *pronus in obsequium* (*Horacio.*).

O complemento dos adjetivos que respondiam à pergunta *Em que?* Em relação a que? se punham em ablativo (o chamado ablativo determinativo ou restritivo): *probrite eximius, validus corpore* (*Horacio.*), *manu fortis* (*Cicer.*), *genere insigne, laude digna* (*Cicer.*).

Vários adjetivos que significavam capaz ou a ideia contrária, podiam aceitar o ablativo com *in*: *prudens in jure crevit* (*Cicer.*).

Com os adjetivos que significavam *participante*, se relacionavam os que significavam acusado, *culpado, innocentis, res, et facti* (*Cicer.*), *fraterni sanguinis insens* (*Ovidio.*).

Os adjetivos que significavam abundância ou falta, pediam genitivo ou ablativo: *oleum non omnia* (*Cicer.*), *inopes amicorum* (*Cicer.*).

Os adjetivos que significavam *util, favorabil, agratus, facil, proximo, semelhante*, ou o contrário, pediam complemento em dativo: *utilis rei publicae, perniciosa reipublicae* (*Cicer.*), *nulli blandus* (*Seneca.*), *multibus iucundus* (*Cesar.*), *pronor patrio* (*Ovidio.*).

Vários adjetivos que significavam amigo, parente, vizinho, construiam-se com dativo e também com genitivo: *veritas amicorum* (*Cicer.*), *victum Jouis Cicer.*

Adjetivos que marcavam antídia, no lado do dativo, aceitavam o acusativo com *ad*, para marcar o termo desta antídia: *Lomo ad nullam rem utilis* (*Cicer.*).

Os adjetivos que significavam fazer lembrar, advertir, informar regiam genitivo ou ablativo com *de*: *grammaticos offici sui commonemus* (*Quintiliano.*), *certiorum me sui consilii fecit* (*Cicer.*).

Os verbos que significavam acusar, convencer, condanar,

Um dia em que marchava assim pisou num objeto mole, ouviu um grito. Levantou o pé, sentindo pouco mais ou menos o que sentira ao ferir-se num caco de vidro. Virou-se, a arrestando, sem perceber o que estava acontecendo. Havia uma desgraça, com certeza havia uma desgraça. Ficou um minuto perplexa, e quando a confusão se dissipou, sacudiu a cabeça, não querendo entender.

— Minsk!

A afeição repercutiu na casinha, ofendeu os ouvidos de mamãe, de Maria Julia, da cozinheira, chegou ao quintal e a rua.

— Minsk! gritou mais baixo. Parecia que era ela que estava ali estendida no tijolo, verde e amarela, tingindo-se de vermelho. Era ela que se tinha pisado e morria, trouxa de pernas ensanguentada. Minsk. Deve ser um sonho ruim, com lobinhos e bichos perversos. Os lobinhos iam surgir. Por que não acordava logo, Deus do céu? Saltar a Jane, andar em ruas distantes, entrar na carcaça de seu Adão.

— Minsk!

Ele ia exibir-se, fofo, importante, banzeiro, arrastando os pés, todo frocado: "Eh! eh!"

— Não morra, Minsk.

Pobrezinho. Como aquilo doía!

Um bolo na garganta, um peso imenso por dentro, qualquer coisa a rasgar-se, a estalar.

— Minsk!

Ele estava sentindo também aquilo. Horrível semelhante enoriedade arrumar-se no coração da gente. Por que não tinham dito que o desastre lhe suceder? Não tinham. Ameaças de pancadas, quedas, esfarraduras, colas simples, sofrimentos leigos que logo se suavizam sob tiras de esparadrapo. O que agora havia se diferenciava das outras dores. Os movimentos de Minsk eram ou se impõem, ou se negam; as pernas amarelas, verdes, vermelhas, empoeiram por detrás dum nevoeiro branco.

— Minsk!

A mancha pequena agitava-se de leve, tentava exprimir-se num beijo: "Eh! eh!".

vam o acusativo com outra preposição adequada: *mortem servit ut antepone* (*Cicer.*).

O acusativo se empregava: com compostos de *ad*, *in*, *sub*, quando designavam claramente um movimento ou uma situação: *leges in aet. incisae* (*Tito Lívio*), *incurrere in hostes* (*Sáustrio*), *succedere ad castro* (*Tito Lívio*).

com vários compostos de *ad*, tomados em sentido figurado: *ad virtutem se animis applicat* (*Cicer.*);

com a maioria dos compostos de *cum*: *conferte hunc pacem cum illo bate* (*Cicer.*).

Nos prosadores os verbos que significavam lutar, que nos poetas se construíam com dativo, vinham com ablutivo acompanhado de *cum*: *Cives cum civibus de viritate certabant* (*Sáustrio*).

Os verbos que significavam abundância ou falta, queriam o objeto indireto em ablativo: *sol cuncta sub luce complevit* (*Cicer.*).

Alguns, porém, aceitavam também o dativo: *miserere aquas nectare* (*Ovidio.*), *miserere flentum cruentu* (*Ovidio.*), o que preparou as regências misturar com e misturar a.

*Impiere, compiere, carere, saturare, abstinere, a lado do ablativo, aceitavam o genitivo, o que preparou a regência do *adulescentem suas temeritatis implet* (*Tito Lívio*), *tutorem erat* (*Terencio*).*

Os verbos que significavam instruir (excepto *docere*) regiam ablativo: *omnibus doctrinis trahim eruditus* (*Cornelio*). Podiam aceitar acusativo com preposição: *eruditus in jure civilis* (*Cicer.*).

Os verbos *uti, vesci, frui, taciti, glorari, fungi, potiri, utili* regiam ablativo.

Potiri, porém, construia-se também com o genitivo: *futus Gallus esse potiri* (*Cesar*), o

(Conclui na página 102)

MINSK — Conto de Graciliano Ramos

Emilio Zola O mundo disforme e nauseante

CELSO VIEIRA

(Da Academia Brasileira)

As elemérides de dia 29 de setembro registram, no ano de 1902, a morte de Emilio Zola, o grande romancista francês cujo centenário de nascimento transcortou o ano passado.

Emile Edouard Charles Antoine Zola nasceu em Paris, em 2 de abril de 1840, na casa n.º 10 da rue Saint Joseph. Era filho de François Zola, natural de Veneza, engenheiro e oficial de guarda do príncipe Eugène de Beauharnais, vice-rei da Itália. Sua mãe chama-se Emilie Aurosi Aubert. Aos 8 anos, ela cursa o Instituto Notre Dame, na cidade de Aix. Aos 10 anos, está matriculado no Colégio Bourbon, na mesma cidade. É de então que data a sua grande amizade com Paul Cézanne e Baptiste Baille, nomes hoje universalmente conhecidos. Nessa época de colegial que ele começo a revelar suas aptidões literárias, escrevendo uma pequena história de aventuras sobre as Cruzadas e uma comediasinha com que obtém um prêmio escolar.

Pouco depois, parte para Paris, e matricula-se no Lycée Saint Louis. Mas as dificuldades de sua família tornam-se cada vez maiores, e ele é forçado a procurar um emprego. Aranja uma situaçãoinha de fazedor de embrulhos da casa Hatchette, e é assim que se inicia uma carreira que vai ser das mais surpreendentes. Zola está em contato com os livros... E isso é bastante para que as suas faculdades criadoras se sintam desabrochar. Ele começo a fazer versos, começo a fazer contos... No ano seguinte reúne algumas de suas produções em prosa e dá os "Contes à Nana". O sucesso é grande. Zola se vê transportado para o jornalismo. Acentuam-se também as suas tendências para uma literatura vigorosamente dentro das realidades, livres de elementos românticos, e vemo-lo publicar sem demora "As Ilusões de Cláudio". Seu caminho está agora definitivamente traçado, e é o criador de uma escola literária, é um destemido abridor de caminhos nas lettras de sua pátria. Sua situação é marcada, desde o inicio, pela maior liberdade intelectual.

Ele arrosta os tranquilos preconitos da França burguesa "conservadora, com os seus livros tremendamente revolucionários. Afronta-as, também, com os seus artigos veementes, como aqueles escritos em defesa do pintor Manet, quando o juri do Salão de Pintura se fechava para esse artista.

Em 31 de maio de 1870 ele se casa com Alexandrine Moley. Vem o período das "Sóteles de Médan", do qual ficou um encantador livro, em que encontramos Zola com os seus amigos Maupassant, Huysman, Céard, Paul Alexis e Leon Henrique. Vem a sua eleição para presidente da "Société des Gens de Lettres". Vem, depois, a sua ligação com Jeanne Ruzerot, da qual lhe adveem dois filhos — Denise e Jacques, crianças que, mais tarde, depois da morte do escritor, serão perfilladas pela vida de Dreyfus. E vem, enfim, e fazendo caso Dreyfus, no qual Zola representa um papel verdadeiramente heróico, o que levou Anatole France a dizer que ele tinha sido "um momento da consciência humana".

A obra que nessa vida, que não fui além dos sessenta anos, Zola conseguiu escrever, vai a várias dezenas de volumes, e não seria necessário enumerar aqui seis ou três livros muito famosos, como o "Germinal", "A Terra", "A Obra", "O Ventre de Paris", para darmos uma síntese do valor desse prodigioso mundo que ele criou.

O escritor faleceu intoxificado pelo gás carbônico, em um hotel da rua de Bruxelas, na data que referimos acima.

Trinta e dois protagonistas, filiados na mesma degenerescência, mil personagens secundários povoam-lhe os romances, onde se exibem quase todas as máscaras da vida contemporânea. Escravizados à lei da herança e do meio, tantas figuras ascendem ou decem, vibram e lutam, sofrer e passam. Revenhos nelas em graus diferentes o amor, o ócio, a cultura, o desejo, a escala dos sentimentos poéticos ou degradantes, isso de modo tal que, entre o heroísmo e a baixaria, o interesse e a virtude, o egoísmo e a renúncia, o prazer e a dor, sobre o fumo ou a poeira da existência vulgar, nos campos e nas cidades, até aos visos da epopeia naturalista — memória de uma família, biografia de uma sociedade. Para definir os temperamentos, dramatizar os episódios ou descrever as paisagens, habitualmente procede Zola, consultando os especialistas, os estatísticos e os tratados, percorrendo os locais, inquirindo testemunhas, coligindo provas, como "o juiz de instrução da natureza", a que se refere Claude Bernard. É essa a base do documento humano o que faz dele um encadado infatigável nas sombras do Romance Experimental, conquanto lhe faltam certas qualidades espirituais, certas resoluções femininas, certos dons matus ou recursos inesgotáveis de Balzac. Alheio à sociedade, como os censores advertiram, não lhe convine os mistérios ou as intrigaas, nem conhece o Estado e o mecanismo dos basilares, desvendando-lhe o proscenio; arreio, tenra a psicologia do burguês instruído e a finura da burguesa sentimental; quando nada sabe do mundanismo, é sua elegância e da sua influência. Deixe o gigante, porém, até no sub-solo e no formigueiro da vida social. Familiarizou com os tipos, e usos, e costumes populares, empolga os temas sugeridos pelas forças brutais do instituto, avassala o império do vulgo, que é direza nos semblantes, enfa nos diálogos, sorriu nos costumes, violencia nas almas, e nos reflexos da sua lampada vemos clarear-se para a arte o mundo tenebroso e subterrâneo da plebe.

Aumentando-lhe as proporções, demorou-se Zola, de certo, nesse mundo nauseante e disforme, incuriositário e impersonal, donde saímos descantados ou entristecidos. Seu talento hercúleo não desvia os rios para sanear os estuários, antes recala no tremendo, explorado pelo comércio, que arrecadava os lucros vertiginosos das edições de Nana, La Terre, La Bête Humaine, Pot-Bouille. — "Não se explica a fortuna extraordinária, que o sr. Zola conseguiu entre os contemporâneos (declarou Max Nordau), pelos dotes relevantes de escritor, pela força notória e soberba das suas descrições românticas pelo fato de ser intensa e verdadeira a emoção pessimista, que lhe torna irresistivelmente impressionante a representação do sofrimento e da tristeza, mas pelos seus dois maiores feitos, a trivialidade e a sensualidade".

Essa arguição de sensualidade é falsa, porque o naturalismo do Romance Experimental não se confunde absolutamente com o erotismo. Não lisonjela nem excita de modo algum as tendências eróticas da carne, mesmo nas páginas em que os instantes sexuais violentam a hipocrisia geral ou abrem a luta entre as convenções. Desnudas e trágicas, as narrativas de Zola suspiram mais o aço pelo véu do que provocam o sensualismo recalcado na consciência, como notou Forel, para quem outros condenam o vício, mas fazem de maneira que o apetite desperta, e a água vem à boca do leitor.

Conforme assinala a expe-

riência humana de todas as épocas e todos os climas. Porém foi sempre o ídolo da plebe, e é um excesso de realismo, afinal, degenerando em pornografia, o que se atribui à linguagem dos plebes retratados por Zola. Em algumas páginas, torna-a ilegível na brutalidade chocante dos episódios e deslavada tradução portuguesa, violando a sintaxe e o decoro da língua. Certas passagens repugnantes, mesmo no original, comprometeram seu divida o prestígio da forma de Zola, escritor pujante e magnético, do qual dizia em 1922 Ernest Sérilles, um dos seus imponentes: — "Poeta des-

Rabelais, que, depois de ser monge, aparece no frontespício de um livro como "docteur en médecine et professeur en étrologie". Mas o triunfo rabelaisiano é o da gurgulhada sobre a mentira e a hipérbole desfeitas nas suas ilhas ilabólicas, a um aspecto das ilhas ilabólicas de Pantagruel, coloridos joviais, enquanto o sombrio colosso de La Bête Humaine. La Terre nos dá sombriamente a epopeia da animalidade humana, segundo Lemaitre. O seu realismo deixa escravizados pigmeus entre os yahoo, simples feroces, que autor das Viagens de Gulliver sobrepuja aos homens. Contra as hipé-



Famoso retrato de Emilio Zola feito pelo pintor Claude Monet critico de raro poder, senhor boles negras de filósofos ou romancistas, que tiveram apenas de alcançar o futuro, um lugar eminentemente na história das nossas letras, e como artista de verbo o consideramos superior a Balzac. "Não admira, Pierre Louys, recitava, no cenáculo presidido por Mallarmé, infinitos trechos de La Faute de l'Abbé Mouret, absorvidos por André Gide, confessando esta nas páginas do seu jornal que lhe seria grata erguer um protesto contra o injusto menorpreso do valor de Zola.

Muitos agravaram as culpas do zoolismo. Ningum assimilou o poderoso influxo de Rabelais, primeiro ídolo do estudante Zola, sobre alguns caracteres ou pormenores da sua obra, que tanto escandalizaram os críticos, e a Zola se afiguravam coisas naturais, humanamente explicáveis ou apenas hilariantes. A desfazete de Mouquette, a bebedice de Coupeau, a glutonaria de Mes-Bottes, o chismoso teatral de Bordenave ou o meteorismo abdominal do camponês de La Terre, o poema da gastronomia em Le Ventre de Paris, o insaudável materialismo, a franca irreligiosidade, audácia no pensar, violência no dizer, tudo isso é flagrantemente rabelaisiano. Como se apaixonou Voltaire por Swift e de Gulliver nascido Micromegas, esteve quase sempre o chefe do realismo francês sob fascinação de Gargantua, o sortilégio de Pantagruel...

Assenhoriando-se do zoolismo, os dois gigantes se projetam nas suas concepções em reflexos inumeráveis, e através da última fase idealista surpreendem ainda o espírito de Zola no disfarce do abade Froment, um padre renegado, sensual, e amigo da ciência, astrólogo dos novos tempos, quase à maneira de Rabelais, que, depois de ser monge, aparece no frontespício de um livro como "docteur en médecine et professeur en étrologie". Mas o triunfo rabelaisiano é o da gurgulhada sobre a mentira e a hipérbole desfeitas nas suas ilhas ilabólicas, a um aspecto das ilhas ilabólicas de Pantagruel, coloridos joviais, enquanto o sombrio colosso de La Bête Humaine. La Terre nos dá sombriamente a epopeia da animalidade humana, segundo Lemaitre. O seu realismo deixa escravizados pigmeus entre os yahoo, simples feroces, que autor das Viagens de Gulliver sobrepuja aos homens. Contra as hipé-

mosfera do zoolismo nem tudo se descompõe, se vitaliza em odores nauseantes, como se Honoré de Balzac, não tendo chegado a escrever La Pathologie de la vie sociale, por ele anuncinada, houvesse transmitido ao sucessor o encargo de inventar o mundo com exalações da Sâne coletiva. Sim, o olfacto do realista penetrou igualmente a realidade multiforme da espécie humana, extraindo varius perfumes de seu jardim ou do seu laboratório; a carnavalesca de Albina, "compavel a um grande ramalhete de aroma intenso"; Desrée, "Cheirando a saúde"; Mme. Campardon, recendente e fresca, "semelhante a um belo fruto de outono"; Clotilde, que traz consigo os effluvios da seara de Booz e do sono de Ruth; Hélène, com o prestígio do odor de feminina, a branca da seio crescentídeo a verbena; Sérgio, a florido no seminário como se fosse um lirio dos campos; Françoise, em cujo vigor se respiram as emanações da terra, do feno, do ar livre, do céu". Há nessa criatura o perfume de um simbolo naturalista, pantástica, evolando-se da multíplice para o sol, e as vagas emanações do céu, respiráveis em Françoise, dariam mais tarde a outros olfativos um... são mestreindianos de perfumes utilíssimos: o da aurora, o do lar, até mesmo o de Venus austral.

Como os indivíduos humanos, através do naturalismo épico também os animais, os lugares, os edifícios, as coisas, sof o poder transfigurante do gênio de Zola, representam verdadeiras criaturas, símbolos de la terra ou da sociedade, com a sua presença inquietadora, a sua expressão temerosa. Ele faz do gato de Mme. Georges, dizia Anatole, uma espécie de gênio oriental e do anel de Mme. Charles uma das fadas mais tagarelas do Ocidente. Símbolos formidáveis, representações inesquecíveis de outra espécie, vemos no Germinal da Turba delinquente e a Mina devoradora de homens; no Assomar a impotência voraz da Fábrica e a sedução alcólica da Taverna; em Bonheur des Dames o Armazém-café; em Le Ventre de Paris o Mercado, que parece aguardar, como se fosse um templo barbáro, contraposto ao idealismo de nomes indus; em La hôte humaine a ducação ofegante da locomotiva, Lison, correndo todos os dias sobre os rails com o seu feroz maquinismo e senhor Jacques, até findar tragicamente num desastre; em Joie de vivre o Oceano, cúmulo ou inímigo dos aventureiros; em La Faute de l'Abbé Mouret a terra-mãe o Eden, e dado os nomes simples, fortes, nus. E ainda vemos em La Débâcle simbolização do campo de batalha, o sorvedouro donde ressurge a França imortal, não obstante, para o domínio das formas e das idéias, o consórcio do espírito e da liberdade.

Comme d'autres esprits voguent sur la musique. Le mien, ô mon amour rage sur ton parfume.



Busto de Emilio Zola em Suresnes, na França

Uma fotografia rara de Raimundo Corrêa

Em nosso número de 14 do corrente, publicámos uma fotografia de Raimundo Corrêa, em companhia de dois amigos. Acharamos aquela documento nos arquivos da Academia Brasileira, e não havia nenhuma indicação sobre a identidade dos companheiros do poeta, que com elas apareciam. Publicando a fotografia registramos essa circunstância. Pessoas da família de Raimundo Corrêa terei a gentileza de telefonar-nos, comunicando que se tratava de João Pinheiro e de F. Bressane do Azevedo. E em nosso número passado, senhores de tal informação, reproduzimos a fotografia.

Comentando-a, agora, recebemos uma gentil carta do sr. Rodrigo Otávio, que sustenta não poder ser a dita fotografia de João Pinheiro. A carta do ilustre acadêmico que, com a devida vénia, transcrevemos, diz o seguinte:

"Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1941.

Mui cedo Mário Leão,

Sou ainda eu...

Cabe-me primeiro agradecer a generosidade com que você me tratou, transcendendo minha carta em o número do suplemento de A MANHÃ de 21 do corrente.

E agora devo dizer-lhe que não sou muito feliz a informação que lhe foi dada sobre a outra fotografia, publicada no número anterior do suplemento, e reproduzida no número seguinte, em que se vê Raimundo Corrêa com duas pessoas que você não havia podido identificar.

O seu informante de agora diz que dessas pessoas, o velho que está sentado é João Pinheiro; a informação, porém, não é exata.

Confiei muita João Pinheiro, que foi meu companheiro de quarto em São Paulo, em 1886, ele, mais moço que eu; e tive ocasião de estar com ele ainda nos últimos anos de sua vida, quando eu acompanhava Joaquim Nabuco a Belo Horizonte, em 1906; ele era então governador do Estado. João Pinheiro morreu em outubro de 1903. E eu posso no meu arquivo um excelente retrato dele publicado na "Revista da Semana", em o número de 1º de novembro desse ano.

Assim posso assegurar que o homem de barbas brancas, que está na fotografia com Raimundo, não é João Pinheiro, que tinha um tipo inteiramente distinto dessa pessoa, era muito mais moço e havia uma barba curta que começava a ficar grisalha.

Você me desculpe se em estou me revelando um retificador de publicações do seu Jornal; mas a faço por amor dele, para que se tenha certeza se a verdade de suas afirmações, certo de que você as receberá com satisfação.

E sem mais, por hoje... sou sempre o velho amigo e confrade

Rodrigo Octavio".

O pai do "brasileirismo"

PEDRO CALMON
(Da Academia Brasileira)

O "brasileirismo" como uma sátira, uma originalidade e principalmente, uma definição, tem a história da nossa literatura autônoma, isto é, começo com Gregório de Matos.

Até ai o vocábulo "lúbraro" entrara a prosa e a poesia vernácula como uma informação acidental, com o seu modesto propósito etimológico (assim na "Prosopopeia", o poema pernambucano de 1601) ou a sua finalidade descritiva: nomes de bichos e coisas. Os jesuítas utilizaram com larguezas nas suas epistolas esses substantivos reguantes à terra nova que civilizavam; mas não especularam com isto. Foi o terrível Gregório, viabilizando o argumento rústico da língua do índio ou da influência de Angola, que inicialmente exibiu as diferenças e surpresas do Brasil. Não de certo, em seu louvor, pois era comum de espírito e sentimento, com a delicadeza e as suscetibilidades do hachuel letrado em meio do povo rude: mas para contundir as prosopias indígenas, para achar-lhes graça, para tirar — a garanhada chula e cruel em que esgotou por si, o gênio e a musa.

Atribue-se-lhe, com razão, uma paternidade: da "modinha" brasileira. Resta o título, que reivindicamos para esse precursor: criou o "brasileirismo" literário. Talvez fosse (já o lembramos) quem escreveu primeiro a palavra que ficou, "brasileiro", em vez de "brasilião" ou "brasiliense", forma culta, que desapareceu. Sem nenhuma dúvida, porém, deu às vozes populares — numa profícua intuição de valores futuros — a dignidade do soneto, a métrica de bom tom, o lustre do verso clássico, a moldura solitária e o verniz da poesia corrente.

Estranha e complexa figura, do vate sem sorte!

Mercece um retrospecto, à falta de monumento, que não teve.

* * *

Gregório de Matos Guerra (1633-1696) fez estudos em Coimbra, onde se diplomou em leis, e viveu muito tempo no Reino, afastando já pela sua música, exímio guitarrista, e pela poesia sarcástica, razão principal de seus sofrimentos e de sua glória. O Padre Manuel Bernardes refere-se a ele, embora sem lhe dizer o nome, a propósito de um "repente" gracioso. É tido como o melhor repentista da língua portuguesa antes de Boaçage. Ao Brasil voltou, para servir como desembargador na Relação Eclesiástica, em 1671; porém, logo se desse ao clero da Baía, e perdeu o emprego... e a compostura. Injuriou — em versos que ficaram célebres — os cônegos da Sé, as figuras notáveis da cidade que o hostilizaram, sobretudo dois governadores, o "Braco de Prata" (Antônio de Souza Menezes) e Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, que não lhe perdoaram os motejos.

Escapou de morrer, vítima de uma vingança, a que não seria estranho este último governador; foi desterrado para Angola, e dai se transferiu, insultado, para Pernambuco, onde acabou obsoletamente os seus dias, dizem que impedido de versar, mas sempre engracado, satírico e libertino.

Não publicou os seus numerosos versos, entretanto, muito repetidos, no Brasil e na metrópole, vários deles conservados de memória através das gerações, como se fossem genuina poesia popular, e salvos, em conjunto, do olvido a que estavam condenados enfim, pela benevolência providencial do governador D. João de Lencastro (1694-1702) que mandou escrever todas as composições autênticas ou atribuídas, que corriam na Baía com o nome de Gregório de Matos.

A Academia Brasileira pagou ao poeta o tributo que se lhe devia, imprimindo-lhe, em seis tomos, a obra lírica, sacra, satírica, desigual, às vezes decalcada de Quevedo, ou simples tradução do espanhol, mas informativa dos costumes da colônia, rica de vocabulários "brasileiros", cheia de vivacidade, petulante e espírito nativo.

A esse respeito a lira de Gregório é uma ressonância — eventualmente grosseira — do sentimento da terra e de sua defesa, que adquirira tanta elevação nos sermões de Vieira. Supria a ausência de uma "imprensa"... de crítica; e preencheu o vazio dum opinião pública, apenas idealizada; valia por uma interpretação petulante — e mesmo atroz — das tristezas da cidade e do tempo...

Popularizou a cantiga ao violão, que havia de tornar-se, no interior do país, uma expressão predileta da alma simples e anárquica do "sertanejo"; vulgarizou a A. B. C. em verso, ao gosto castellano, o "Padre Nossa", com rimas irônicas, o pasquim poético, em uso na Lisboa daquela época. Criou vários tipos de poesias das ruas. Patrón dos poetas brasileiros que, no final do século XVIII, introduziram no Reino a cantiga "americana", que de pouco antecedeu o "fado", o título de "jai da modinha" é bastante para classificá-lo entre os grandes nomes da nossa história literária.

Nihil, no sentido moral, admite ablativo com in e, no de tener, obliterar, acusativo com ad ou in: nisi.

Os verbos que significavam pedir, esperar, comprar, receber, obter, saber, pediam objecto indireto em ablativo com ab:

Alguns, porém, admitiam ablativo com de, que preparavam a régencia de apócratas.

Os verbos que significavam

exigir, receber, ouvir, esperar, exigir, receber, ouvir, esperar, obliterar com in e, no de tener, obliterar.

Os verbos que indicavam se-tuntur in aera (Ovídio), o que parciais tinham seu complemento no ablativo com ab: se-cernere a corpore animum (Cicero).

Ab era a preposição própria para indicar o afastamento.

Os compostos de de, embora aceitassem ob, admitiam também a repetição da preposição, como virnos atras nos verbos que regiam dativo: eum ab te dimitiri (Cesar), decedere de te auditi de patre (Cicer), o que preparavam a régencia dos verbos

Flagelou Gregório com violência e bom humor as vaidades da gente, os vícios da terra, funos de fidalguia, presunções e tolices...

Por exemplo, "a certo fidalgo caranuru" (orgulhoso de sua nobreza de descendente do primeiro casal da Baía);

Um Payá de Monay bonzo bramá,
Primaz da Cafraria do Pegu,
Que seu ser filho do Pequim, por ser do Acá,
Quer ser filho do sol, nascendo cá.

Tenha embora um avô nascido lá,
Cá tem três pela costa do Caiará,
E o principal se diz Paraguassú,
Descendente este tal de um Guinamá.

Que é fidalgo nos ossos cremos nós,
Pois nisso consistia o mór braçao
Daqueles que comiam seus avós.

E como isto lhe vem por geração,
Lhe ficou por costume em seus teiros
Morder os que proveem de outra nação.

Esta linguagem indo-afro-lusa mostrava o processo de aglutinação das raças, a mestiçagem colonial e os fatores recentes que lhes influenciavam a mentalidade, os conflitos interiores, o fenômeno da Nação em esboço.

Assim, no soneto "Aos mesmos Caramurus":

Há coisa como ver um Paúá
Mui prezado de ser Caramurá,
Descendente do sangue de tatú,
Cujo torpe idioma é Cobepá!

A linha feminina é Carimá,
Muqueca, pittinga, cururu,
Mingau de pulo, vinho de caju.
Pisado num pilão Pirajá.

A masculina é um Aricabé,
- Cuja filha Cobé, cum branco Pohy
Dormiu no promontório de Passé.

O branco é um Marão que veio aqui;
Ela é uma indi de Maré:
Cobepá, Aricabé, Cobé, Pohy.

Os vocabulários tupis e africanos, introduzidos na língua portuguesa falada no Brasil dão uma graça nova, petulante e musical à poesia de Gregório de Matos.

Um calção de pindoba, a meia zorra,
Camisa de neucá, manteó de arara,
Em lugar de cotó, arco e taquara,
Penacho de guará, em vez de gorra.

(1) Antonio Vieira, em "Sermões" e cartas, mesmo os clássicos

desse século XVII, como D. Francisco Manuel (na "Espanha Triunfante"), sempre que escreveram sobre assuntos da América, não fugiram ao emprego daquelas bárbaras palavras, que indicavam a exuberante formação dumha outra sociedade, e, por isso, dumha outra literatura.

Tomaz Pinto Brandão, comparsa de Gregório (com quem viajou para a Baía em 1671) e seu emílio, espalhou em Portugal a mesma novidade ("Pinto Renascido, empenado e desempenado", Lisboa 1732), como no seu cômico "Aviso para os Brasileiros chamados Mandus que vieram à Corte a requerer".

Dois vates endiabridos apadrinharam o "brasileirismo" assobiando-o, vaiando-o, ridicularizando-o. Fizeram-nos o favor de divulgá-lo. E começaram a desvendar o Brasil com a propagação inconsciente de sua irritação.

(1) Veja Obra de Gregório de Matos, edição da Academia Brasileira, promovida por Afrânio Peixoto, 1890-93. Compõem-se dos seguintes tomos: I — Sacra; II — Lírica; III — Histórica; IV — V — Satírica; VI — Ótimas. Dis Afrânio Peixoto que a redigido críticas, que se fizer, da mesma obra (expungido de versos alheios ou de suas adaptações, por outros consideradas plágios) irá "reduzir a fama de Gregório de Matos à situação de meio poeta, apesar de revelada a nota artística, com que depôr sempre de si próprio e da sociedade colonial que retrava, documento humano, auto-retrato, de um povo em formação, rudimentarizado estando larvário, não indiferente ao estudo" (Revista de História da Literatura Bras., p. 98). Sobre a biografia de Gregório, veja-se o prólogo ao VI volume daquela série.

No mesmo caso que os adjetivos de que derivavam: conguenter naturae convenienter que vivere (Cicer), o que se dá com os verbos que significam arrecadar, arrancar, arrebatar, tirar.

Outros verbos, fora das especificações precedentes, e cons-truiram-se com ablativo acompanhado de preposição: de re-publica bene mereri (Cicer), o que governavam os regimentos latinos.

Em próximo artigo, iremos encarar o assunto já dentro do âmbito da língua portuguesa.

Varíos adverbios governavam

REGÊNCIA VIVA

(Continuação da página 140)

que preparam ideologicamente a régencia de apoderarse.

Uti, frui, fungi, aceitavam o accusativo, o que preparam a dupla régencia em português (usar o, ou do, gozar o ou do): uteris operam meam (Plauto), militare munus fungens (Cornelio).

Laetari e gloriar! admitem o ablativo com preposição: laetari de communis salute (Cicer), e suis divinitatibus gloriar! (Cicer).

O TUBERCULOSO



Efemérides da Academia

25 DE SETEMBRO

1859 — Nasce, na cidade do Serro, Minas Gerais, Pedro Lessa. Ocupou na Academia a cadeira nº 11, que foi criada por Lucio de Mendoça e que tem como patrono Fagundes Varela.

26 DE SETEMBRO

1898 — Joaquim Nabuco entrega à mesa um telegrama do Barão do Rio Branco, que se fecha em Baden-Baden, apresentando-se candidato à vaga de Pereira da Silva, ocorrida a 14 de junho último.

1925 — Falece em Lisboa Cândido de Figueiredo.

27 DE SETEMBRO

1890 — Falece em Minas Gerais Joaquim José da França Júnior, falhista e comediografo. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1838. É patrono da cadeira nº 12, criada por Urbano Duarte, que na Academia foi substituído por Augusto de Lima. A Augusto de Lima substituiu Victor Viana, sendo este por sua vez substituído pelo sr. Macedo Soares.

1915 — Falece em Lisboa Ramalho Ortigão (José Duarte). Nasceu no Porto, a 14 de novembro de 1836.

28 DE SETEMBRO

1884 — Morre Laurindo Rabelo, patrono da cadeira nº 26, que foi criada por Guimarães Passos, e em que se tem sentado, sucessivamente, Pavlo Barreto, Constançio Alves e agora o sr. Ribeiro Couto.

1907 — É eleito para a vaga de Teixeira de Melo, por 23 votos, o Barão de Jacegual.

29 DE SETEMBRO

1902 — Morte de Emílio Zola
1908 — Morte de Machado de Assis. Fora o principal fundador da Academia, ao lado de Lucio de Mendoça e de Joaquim Nabuco. Fora o primeiro presidente da instituição, reeleito cada ano até a sua morte. Criara ali a cadeira nº 23, que tem como patrono José de Alencar. Machado foi substituído pelo Conselheiro Lafayete, que o defendera quando dos ataques de Sylvo Romero. Em sua cadeira sentou-se depois Alfredo Pujol e sente-se agora o sr. Octávio Mangabeira.

1909 — Inauguração da placa comemorativa a Machado de Assis, na casa da rua Cosme Velho nº 48, em que ele residiu mais de um terço da sua vida e onde morreu. Os acadêmicos que tomaram parte na cerimônia foram ali recebidos pelo sr. Olegário Mariano, que era o morador da casa. As 15 horas, Ruy Barbosa descobriu a placa e deu a palavra a Olavo Bilac, o qual pronunciou um lindo discurso. No mesmo dia, o prefeito do Distrito Federal deu o nome de Machado de Assis a uma das ruas da cidade.

30 DE SETEMBRO

1916 — Posse solene de Goulart de Andrade na cadeira

nº 6, para a qual fora eleito em substituição a Arthur de Jacegual. Essa cadeira tem como patrono Caximiro de Abreu. Goulart de Andrade foi recebido por Alberto de Oliveira.

1 DE OUTUBRO

1898 — Eleição por 21 votos do Barão do Rio Branco, para substituir J. M. Pereira da Silva, na cadeira nº 34 que tem como patrono Souza Caldas.

Na mesma sessão é eleito o primeiro membro correspondente da Academia — Emílio Zola.

A vida e a obra de Fagundes Varela

(Continuação da pág. 138)

tes, imitações de liras alheias. Feita a exceção de algumas imitações, de algumas influências que nos seus primeiros anos o subjugaram mais seriamente em várias produções.

Varela foi poeta por conta própria e os seus versos têm carácter, tem feição, especificamente sua e que os torna inconfundíveis. A natureza sentimental, agravada profundamente e irremediavelmente pelo vício, em que cedo se despenhou e do qual cada vez mais notável da sua escola na mente, procurou fazer uma cortina, um velarium, que o isolasse da realidade de mundo que era, no sonho impreciso e vago do que quisera ser.

Foi esse o seu grande bovarismo, o do sentimento, que, a aniquilou o homem, fazendo-o um boêmio errante, maltratado, quase, desleixado e vendido, minando-lhe o organismo, precipitando-o à morte, não logrou, todavia, empanhar o poeta, desnaturalizando-a obra que, vista em conjunto, é a mais, cada vez mais alucinada sua geração e examinada em detalhe, contém relíquias preciosas, gemas cujas facetas espelham ainda eternas cintilâncias da alma humana.

VERSOS E VERSÕES

(Continuação da pág. anterior)

culpem de ter tão grande talento, — quem assim o conhece não sabe como o há de estimar bastante.

Mas não precisa nenhuma consideração pessoal para Haimundo Corrêa, depois de Veras e Veras, ser proclamado grande, exímio poeta.

O que é necessário agora é que a nossa imprensa e o nosso escasso público letrado, para lhe prestarem as altas homenagens que merece, não se ponham a esperar que ele morra!

João Alphonsus nasceu em Conceição do Serro, Minas Gerais, a 6 de abril de 1901. É filho do grande poeta Alphonsus de Guimaraens, sobrinho neto de Bernardo Guimaraens e irmão de Alphonsus de Guimaraens Filho, outro dos mais característicos escritores do Brasil atual.

Tem publicado "Galinha Cega" (1930); "Totomó Pacheco" (1935), romance que obteve o Prêmio Machado de Assis; e agora "Rola-Moça". Para a edição das "Poesias" de Alphonsus de Guimaraens, escreveu João Alphonsus um excelente estudo biográfico do seu pai.

O escritor exerce hoje a advocacia em Belo Horizonte.

O TUBERCULOSO

— Por que você é magro assim?

— Sou um tuberculoso, meu benzinhol.

Catarina então abria na gargalhada. Era gorda, gorducha mesmo, e se encostava toda, com as suas banhas, matéria plástica por excelência, enchendo através das roupas todas os vãos do esqueleto do Stenio. Namoro no portão do chalé modesto do Cafafate...

Eis um sujeito que o mal não derrubaria nunca, pensava Pônio quando se entregava a ouvir as confidências do Stenio, até confortado em suas contingências de predisposto diante daquele caso de resistência paixional da espécie humana. Magro e dissorado, não se sabia de onde vinha aquela vida de expressões e gestos, principalmente do olhar, vitalidade sem alcerces materiais, sobrepujando o físico e mantendo-o firme, numa tensão espiritual obtida e conservada sem esforço, dom natural e especial.

Stenio descrevia exageradamente as cenas com a namorada. Esta residia no Cafafate, onde ele ia vê-la todas as tardes, de bonde ou mesmo a pé, pois acontecia ficar sem dinheiro, dando a mesada aos outros, gastando-a em presentes a Catarina, gastando-a de qualquer maneira. Caminhava incrivelmente, até o bairro, para ver a sua gorduchinha, que o atraía (explicava ele próprio) de acordo com a lei de compensação dos materiais orgânicos...

— Na boca não pode não: sou um tuberculoso...

Ela ria sempre e só queria beijar na boca. Não acreditava que houvesse tuberculose no mundo. Carnuda, direta, meio infantil. O peito menos que houvesse um tuberculoso tão elegante, bonito, ali repetia: bonito, bonito, bonito; entre beijos, com tal capacidade de amar e ser amado. Mas Stenio lhe esquivava a boca (outro qualquer deixá-la ia beijar quanto quisesse) e cantava baixinho no ouvido dela:

Besame mucho, pero aquí en la

frente, No, no, en la boca no me bebes no!

Quero que vivas aunque yo me

vaya, Quero que vivas aunque mu-

era yo...

Besame mucho, pero aquí en la

frente, No, no, en la boca no me bebes no!

Yo tengo medo que te con-

itas no! Itagles,

Quero que vivas aunque mu-

era yo...

Stenio levava o tango num disco para a namorada. Catarina promovia assistida a virola na sua casinha e elas dansavam milongueiramente.

Stenio lento e elástico, agil e alegre, sentimental e pervertido feito uma criação da poesia barata dos tangos argentinos. Essa poesia de adulterios, raptos, desvignamentos, exocomunias, maridos que matam ou se conformam, mulheres que descem cada vez mal na lama dos bordéis, que mudam quinzenalmente de nome e de alma, desgraças baixas, misérias doentias, fatalidades do vício, filhas que fogem para a perdição, amantes que se matam ou se degradam, filhos engaiados, essa poesia acabava explorando há muito a tuberculose num tango que se tornara agora popular dentro do Sanatório, levado até lá por aquele boêmio que viera para Belo Horizonte se tratar...

mas que só se internara depois de uma hemoptise no cabaret...

Boêmio que criara a teoria da Última Internaciona-

lal...

— Um tuberculoso é um elem-

ento sem pátria nem fronteira,

perigoso, dotor Pônio!

Um ladrão chinês, dife-

rentíssimo do ladrão turco,

brasileiro, norte-americano, a

começar pelas colas que fur-

ta, como furtar, etc... Um su-

jeito honesto é também dife-

rente em cada país, como o gi-

golô, o político, o funcionário

público, o vendedor ambulan-

te. Mas um tuberculoso é o

mesmo em qualquer parte do

mundo, internacionalizado pelo

mesmíssimo bacilo...

— Um tuberculoso é um elem-

ento sem pátria nem fronteira,

perigoso, dotor Pônio!

Um ladrão chinês, dife-

rentíssimo do ladrão turco,

brasileiro, norte-americano, a

começar pelas colas que fur-

ta, como furtar, etc... Um su-

jeito honesto é também dife-

rente em cada país, como o gi-

golô, o político, o funcionário

público, o vendedor ambulan-

te. Mas um tuberculoso é o

mesmo em qualquer parte do

mundo, internacionalizado pelo

mesmíssimo bacilo...

— Coragem, meu filho.

Pônio achou o conselho

perfeitamente inútil, ainda

mais com aquela voz soturna,

fúnebre. Noutra ocasião Ste-

nio teria ido trás pacadi-

nhas com a mão na mesa de

cabeceira, rindo diretamente

para o capelão. Mas todo o

corpo se entregava ao proble-

ma de respirar, sem desperdi-

ciar atividade no mínimo ges-

to. Somente o olhar, e este se

voltava para o conselheiro sem

que o médico o visse; mas de-

via sorriso ainda...

— É preciso se reconciliar

com Deus. Confessar. Comu-

gar. Eu estou aqui para aju-

dar voz, meu filho. Não ago-

ra, mas na hora que quiser, que

me chamar. Mas... por que

não há de ser agora, hein? Os

outros saem por um instantinho. (Sorrizo com bondade).

Stenio fez um esforço para

levantar a cabeça e disse ba-

xinhas, na garganta apena,

e apressadamente, na presa da

dispnéia:

— Não chorei, (Pônio per-

cebia bem o que ele queria

dizer: não vei que o problema

é respirar, conseguir respirar

ainda?) Aprimou-se também

da cama, disposto a fazer com-

preender ao padre que não in-

sistisse: que reservasse para a

Extrema-união). Não chorei.

— Então vou embora, meu

filho, disse o capelão, grave,

mas sem se sangurar.

O rapaz ergueu novamente

a cabeça, lhe estendeu o olhar

também grave, firme sem di-

ressa, e a voz veio de novo, um

chiado na garganta:

— Vai com Deus.

Padre e médico se retiraram

juntos e calados. No corredor

este viu de soslaio a cara da

que perder de repente a in-

telétrica, se iluminar como a

uma revelação interior:

— Ele disse: vai com Deus.

JOÃO ALPHONSUS

(Do "Rola-Moça")

menos um dos reclusos passa-
ra, além de todas as suas insi-
stâncias, e passara com um
exagero de maré... O olhar
sorridente não era de vencido.
E Pônio lembrava a Última
Internacional:

No hay mas remedio que no ser
[cobarde]...

Para o médico, há dois dias,
entrar naquele quarto era per-
der-se, apagar-se na estranha
solidariedade, retrogradar o
caloura no seu domínio sobre
os fenômenos corriqueiros da
saudade batalha da morte. Inte-
grava-se no ambiente crí-
medieval de mais hora menos
hora, com os pais, a irmã, o
amigo, pessoas silenciosas,
anuladas. E não havia pro-
priamente sofrimento de sua
parte, mas, naquele fraqueja-
mento, decepção e inveja: pois
terminaria o conforto do rapaz
a vencer e zombar de todos os
riscos como comando o mal a
maneira dos heróis; mas tam-
bém succumbido o corpo, a morte
deveria ter para ele uma
importância relativa. Era o
médico que lhe procurava o
olhar ainda vivo, como eterna-
mente vivo, para se animar.

Bateram três pancadas sur-
das na porta. Padre Roque
pensou Pônio, repentinamente
irritado, pois o capelão tinha
uma capacidade singular para
perceber aonde a morte esta-
va. Padre Roque entrou. Stenio,
na incomoda posição de
dous dias, sentado, curvo para
a frente, indo amparado de
travesseiros, estendeu os olhos
para o recém-chegado. Este
parou junto da cama e seguiu
com o olhar a sonda de bor-
racha que brotava dentre os
travesseiros e drenava o líqui-
do purulento, através da inci-
são nas costas, e entre pieuras
para o vídro no chão. E o ní-
vel do líquido misturado com
antisséptico marcava no vídro o
ritmo da respiração dispnéi-
ca. O padre, moreno e magro,
curvou-se para o doente:

— Coragem, meu filho.
Pônio achou o conselho
perfeitamente inútil, ainda
mais com aquela voz soturna,
fúnebre. Noutra ocasião Ste-
nio teria ido trás pacadi-
nhas com a mão na mesa de

cabeceira, rindo diretamente

para o capelão. Mas todo o

corpo se entregava ao proble-

ma de respirar, sem desperdi-

ciar atividade no mínimo ges-

to. Somente o olhar, e este se

voltava para o conselheiro sem

que o médico o visse; mas de-

via sorriso ainda...

— É preciso se reconciliar
com Deus. Confessar. Comu-
gar. Eu estou aqui para aju-
dar voz, meu filho. Não ago-
ra, mas na hora que quiser, que
me chamar. Mas... por que
não há de ser agora, hein? Os
outros saem por um instantinho. (Sorrizo com bondade).

Stenio fez um esforço para

levantar a cabeça e disse ba-

xinhas, na garganta apena,

e apressadamente, na presa da

dispnéia:

— Não chorei, (Pônio per-
cebia bem o que ele queria

dizer: não vei que o problema

é respirar, conseguir respirar

ainda?) Aprimou-se também

da cama, disposto a fazer com-

preender ao padre que não in-

sistisse: que reservasse para a

Extrema-união). Não chorei.

— Então vou embora, meu

filho, disse o capelão, grave,

mas sem se sangurar.

O rapaz ergueu novamente

a cabeça, lhe estendeu o olhar

também grave, firme sem di-

ressa, e a voz veio de novo, um

chiado na garganta:

— Vai com Deus.

Padre e médico se retiraram

juntos e calados. No corredor

este viu de soslaio a cara da

que perder de repente a in-

telétrica, se iluminar como a

uma revelação interior:

— Ele disse: vai com Deus.